

SEDUÇÃO

Criatividade – Beleza - Carisma

Coletanea – 02 fev. 2016 - Paulo Timm – Org.

Para uso em sala de aula

Índice

Introdução: Talento, Carisma e Beleza numa Era dos Artefatos

Paulo Timm

*Os homens precisam de algo superior a eles para venerar e adorar.
Precisam tocar o divino.*

Wahlsingham in Elizabeth – filme

No começo do pensamento crítico moderno , séculos XVIII e XIX, a questão central residia na propriedade e classes, destacando-se aí a contribuição pioneira de Rousseau e a análise de Karl Marx.

Depois, com Max Weber e Gramsci e a Escola de Frankfurt, deslocou-se o foco das atenções para a cultura e instituições.

O século XX, ainda pouco lido e absorvido pela esquerda, trouxe à tona a importância dos afetos na instituição da sociedade , os quais articulados à libido e à identificação operam como aporia, enigma e fábula para além do narcisismo, tal como propõem Freud, Foucault, Bataille, dentre outros e nosso brasileiríssimo Vladimir Safatle. Deste, no seu último livro: " O circuito dos afetos" , Autentica, SP,2015, pg. 61

“Freud sabe que o amor não é apenas o nome que damos a uma escolha afetiva de objeto. Ele é a base dos processos de formação da identidade subjetiva a partir da transformação de elementos libidinais em identificações”.

(Paulo Timm)

1. O que é criatividade? *Miguel Ribeiro*

2. Sedução do mito – Blog do Gutemberg

3.. A SEDUÇÃO DO EFÊMERO: SOLIDÃO E PÓS-MODERNIDADE - Antonio Paulo Rezende

4.Sedução Máxima: Os 4 Maiores Poderes do Mundo

5;Sedução - Wikipedia

6.PUA – O GUIA COMPLETO DO PICKUP ARTIST (DEFINITIVO)

7. A SEDUÇÃO DO PODER - Raúl Pierri, da IPS -

8. Voto é afeto – Paulo Baía

9.O carisma e o estrelato - Arthur da Távola

10.Carisma e carismáticos: que energia é essa?

11. Território da alma humana (1)

Blog do Gutemberg

12. A beleza salvará o mundo – P.Timm –

13. Sedução do mito – Gutemberg blog

14. O Poder dos Sentidos – Gutemberg blog

15. Rir é o melhor remédio – Rir é o melhor remédio

16. O Encontro e o laço amoroso – Antio Quinet

17. O laço e o abraço – Mário Quintana

18. A diferença entre ser fã e ser adepto

Paulo Ghiraldelli

INTRODUÇÃO

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

Paulo Timm

(Copyleft – Especial Carta Polis, autorizada publicação todos os meios – Paulo Timm, Torres 29 maio 2013)

"O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o 'fetichismo da mercadoria' (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa – diz Debord – são apenas 'a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores'".

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadores. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. I. Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas dominantes geraram a ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica de “capitalismo em crise” tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de “capitalismo organizado avançado”. Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do

trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o “capitalismo em crise” e convertendo-se em “capitalismo avançado”, a ordem estabelecida criou grandes dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o “grupo em fusão”, em sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I. Meszaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012).

Verdade que o mundo inteiro seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e luzidio lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos igualitários (“Século dos Direitos” - N. Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um

brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa “Invenção do Contemporâneo” na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Catrina em New Orleans, quando disse: - “Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...”. (“Heist – Quem roubou o sonho” – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDE! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do *fin du siècle* (XIX), diziam que , ao contrário do que pensavam, “o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo”. Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro:

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais decorrência de personagens heróicas.

(Arthur da Távola – O carisma e o estrelado – acima em Notícias em Destaque)

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi, aliás, outro craque do futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em €50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarkt".

- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

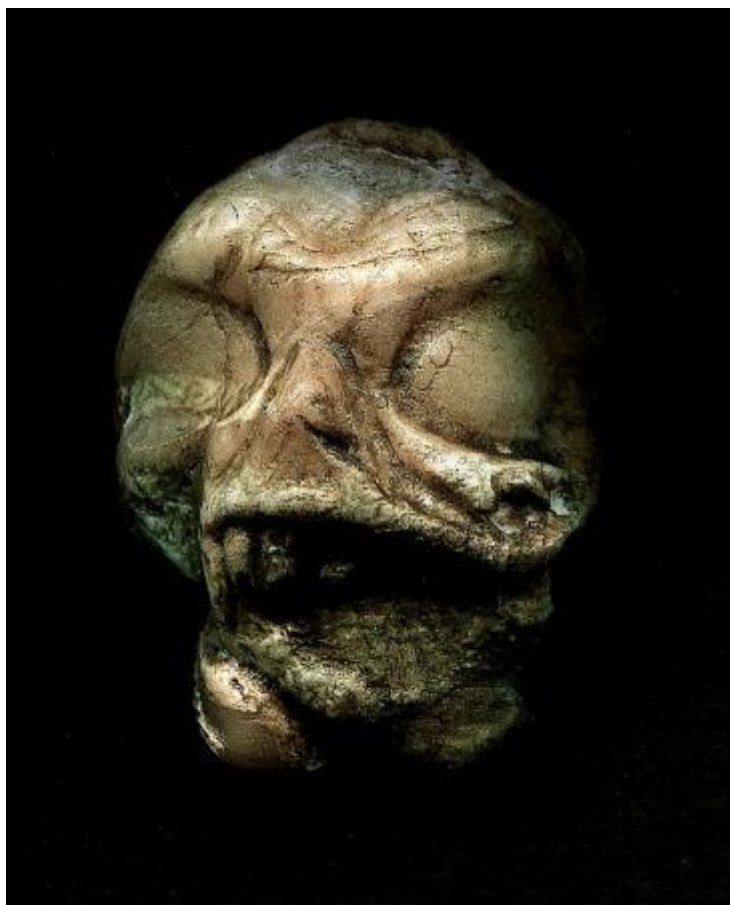
(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autênticas, de

pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras “Quase normal”, marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.



"Quase normal": aberrações físicas a preço de ouro (Divulgação)

Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? “Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico”

http://www.domtotal.com/noticia_marcos/detalhes.php?matId=41

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!



Não é fácil ser um cantor de sucesso. Muitos nadam, nadam, porém, morrem na areia. Beyoncé é um exemplo a ser seguido, já que a cantora começou com 9 anos, com as Girls Tyme, que evoluiu para Destiny's Child e, mais tarde, se lançaria no solo e conseguiria muitos prêmios, e consequentemente, muito dinheiro. O site MadeMan listou os 10 cantores mais ricos do mundo, baseado em dados da revista Forbes e dos jornais New York Times e Sunday Times. Knowles e seu marido, o rapper Jay-Z, fazem parte da lista, confira:

Em 2007, a Forbes informou que Jay-Z tinha uma fortuna avaliada em U\$150 milhões. Desde então, ele vendeu a Rocawear por 204 milhões e fechou um contrato com a Live Nation, por mais 150 milhões. Isso tudo se soma em 504 milhões de dólares, não contando com os números de contratos com a Budweiser, Armadale Vodka e seu último álbum, "Blueprint 3".

Princesa do pop e rainha de Jay-Z, Beyoncé tem uma fortuna estimada em U\$315 milhões. Entre seus discos solo e os das Destiny's Child, Knowles já vendeu mais de 100 milhões de cópias; estrelou em campanhas publicitárias de gigantes, como a Pepsi, e é recordista de prêmios Grammy® dados à uma cantora, com 16 no total. Além de estrelar em filmes de sucesso, como "DreamGirls". Com 28 anos de idade, a cantora é a mais nova a fazer parte da lista.

Paul McCartney

Jay-Z

Madonna

David Bowie

Sean Combs (P. Diddy)

Beyoncé

Mick Jagger

Elton John

Céline Dion

Mariah Carey

Fonte: MadeMan.com

Leia mais: <http://www.bemestaroufino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-actualidade/>

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um “self” extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo

(Arthur da Tavola, citado acima).

Não que Neymar, Paul M Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras:

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre- um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima , adiante e além da média.

(Arthur da Távola, citado acima)

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais argüir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: *Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...*

COLUNA DO TIMM

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

(Copyleft – Especial Carta Polis, autorizada publicação todos os meios – Paulo Timm, Torres 29 maio 2013)

"O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o 'fetichismo da mercadoria' (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa são apenas 'a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores'".

G.Debord – Sociedade do Espectáculo

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadores. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. . Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas dominantes geraram a ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica de "capitalismo em crise" tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de "capitalismo organizado avançado". Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do

trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o "capitalismo em crise" e convertendo-se em "capitalismo avançado", a ordem estabelecida criou grandes

dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o “grupo em fusão”, em sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I.Mezzaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012).

Verdade que o mundo inteiro seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e lúcido lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos igualitários (“Século dos Direitos” - N.Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa “Invenção do Contemporâneo” na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Catrina em New Orleans, quando disse: - “Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...”. (“Heist – Quem roubou o sonho” – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDE! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do *fin du siècle* (XIX), diziam que , ao contrário do que pensavam, “o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo”. Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro.

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi , aliás, outro craque do futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em €50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarket".

- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autênticas, de pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras “Quase normal”, marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.

Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? “Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico”

http://www.domtotal.com/noticia_marcos/detalhes.php?matId=41

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!

Leia mais: <http://www.bemestaroufino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-atualidade/>

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

Não que Neymar, Paul M Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras.

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais argüir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: *Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...*

COLUNA DO TIMM

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

"O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o 'fetichismo da mercadoria' (felicidade identifica-se a consumo). Os meios de comunicação de massa – diz Debord – são apenas 'a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de consumidores'".

G.Debord – Sociedade do Espetáculo

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadores. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. I. Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas dominantes geraram a ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica de "capitalismo em crise" tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de "capitalismo organizado avançado". Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do

trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o "capitalismo em crise" e convertendo-se em "capitalismo avançado", a ordem estabelecida criou grandes dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o "grupo em fusão", em

sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I.Meszaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012).

Verdade que o mundo inteiro seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e lúcido lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos igualitários (“Século dos Direitos” - N.Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa “Invenção do Contemporâneo” na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Catrina em New Orleans, quando disse: - “Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...”. (“Heist – Quem roubou o sonho” – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDE! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do *fin du siècle* (XIX), diziam que , ao contrário do que pensavam, “o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo”. Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o

trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro:

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais decorrência de personagens heróicas.

(Arthur da Távola – O carisma e o estrelado – acima em Notícias em Destaque)

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi, aliás, outro craque do futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em €50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarkt".

- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autênticas, de pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras "Quase normal", marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.

"Quase normal": aberrações físicas a preço de ouro (Divulgação)

Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? "Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico"

http://www.domtotal.com/noticia_marcos/detalhes.php?matId=41

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!

Não é fácil ser um cantor de sucesso. Muitos nadam, nadam, porém, morrem na areia. Beyoncé é um exemplo a ser seguido, já que a cantora começou com 9 anos, com as Girls Tyme, que evoluiu para Destiny's Child e, mais tarde, se lançaria no solo e conseguiria muitos prêmios, e consequentemente, muito dinheiro. O site MadeMan listou os 10 cantores mais ricos do mundo, baseado em dados da revista Forbes e dos jornais New York Times e Sunday Times. Knowles e seu marido, o rapper Jay-Z, fazem parte da lista, confira:

Em 2007, a Forbes informou que Jay-Z tinha uma fortuna avaliada em U\$150 milhões. Desde então, ele vendeu a Rocawear por 204 milhões e fechou um contrato com a Live Nation, por mais 150 milhões. Isso tudo se soma em 504 milhões de dólares, não contando com os números de contratos com a Budweiser, Armadale Vodka e seu último álbum, "Blueprint 3".

Princesa do pop e rainha de Jay-Z, Beyoncé tem uma fortuna estimada em U\$315 milhões. Entre seus discos solo e os das Destiny's Child, Knowles já vendeu mais de 100 milhões de cópias; estrelou em campanhas publicitárias de gigantes, como a Pepsi, e é recordista de prêmios Grammy® dados à uma cantora, com 16 no total. Além de estrelar em filmes de sucesso, como "DreamGirls". Com 28 anos de idade, a cantora é a mais nova a fazer parte da lista.

Paul McCartney

Jay-Z

Madonna

David Bowie

Sean Combs (P. Diddy)

Beyoncé

Mick Jagger

Elton John

Céline Dion

Mariah Carey

Fonte: MadeMan.com

Leia mais: <http://www.bemestarourofino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-atualidade/>

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um "self" extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, "graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos" segundo a definição do cristianismo

(Arthur da Távola, citado acima).

Não que Neymar, Paul M Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras:

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre- um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

(Arthur da Távola, citado acima)

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais argüir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: *Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...*

O SÉCULO DOS ARTEFATOS

TALENTO, CARISMA, BELEZA NA ERA DAS ABERRAÇÕES

As quatro décadas do Pós-Guerra, apesar da Guerra Fria e tirando a Revolução Chinesa vitoriosa em 1949 e os conflitos no sudeste asiático (isto ficava no outro lado da lua...), pareciam prometer um mar de rosas para a humanidade. As principais economias do mundo cresciam satisfatoriamente, junto com algumas periféricas como Brasil, Canadá e Austrália. O fantasma da revolução social e política parecia congelado pelo Pacto Social-Democrata que redistribuía polpudos dividendos às classes trabalhadores. O Estado de Bem Estar na Europa e o Welfare nos States, consagravam a Pax Americana. Eram tempos augustos, numa referência ao período em que o Imperador Augusto, depois de Cesar, subiu ao trono. I. Meszaros, um dos mais renomados marxistas contemporâneos, assinala, citando o próprio Sartre em recente conferência no Brasil no II Encontro de São Lázaro, na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 2012:

"É necessário enfatizar aqui que, por quase três décadas depois da segunda guerra mundial, a expansão econômica bem sucedida nos países capitalistas

dominantes geraram a ilusão, até mesmo entre alguns intelectuais importantes de esquerda, de que a fase histórica de “capitalismo em crise” tinha sido superada, dando lugar para o que eles chamaram de “capitalismo organizado avançado”. Quero ilustrar este problema citando algumas passagens do trabalho de um dos maiores intelectuais militantes do século vinte, Jean-Paul Sartre, por quem, pelo que vocês bem sabem pelo meu livro sobre Sartre, tenho a mais elevada consideração. Entretanto, o fato é que a adoção da noção de que, superando o “capitalismo em crise” e convertendo-se em “capitalismo avançado”, a ordem estabelecida criou grandes dilemas para Sartre. Isso é ainda mais significativo porque ninguém pode negar a busca inteiramente comprometida de Sartre por uma solução emancipatória viável, nem sua grande integridade pessoal. Em relação ao nosso problema, temos que recordar que, na importante entrevista dada ao grupo Manifesto Italiano – depois de esboçar sua concepção das implicações insuperavelmente negativas de sua própria categoria explicativa da institucionalização inevitavelmente prejudicial do que ele chamava o “grupo em fusão”, em sua Crítica da Razão Dialética –, ele teve de chegar à penosa conclusão de que: “Enquanto reconheço a necessidade de uma organização, devo confessar que não vejo como os problemas que confrontam qualquer estrutura estabilizada possam ser resolvidos” (Entrevista publicada em The Socialist Register, 1970, p. 245)

(I. Meszaros – Crise Estrutural e Necessidade de Mudança Estrutural-2012)."

Verdade que o mundo inteiro, neste período, seria sacudido pela onda libertária de 1968, mas ela, além da curta duração, de sua natureza eminentemente libertária e não social, de sua composição sociológica difusa, foi imediatamente assimilada pelo sistema como um marco para o aprofundamento do individualismo e não de outros regimes políticos. No fundo deste sereno e luzidio lago hollywoodiano, agitavam-se as águas. E delas, como se ninguém se desse conta, emergiu nos anos 80 um outro mundo: O mundo dos artefatos, em substituição à sociedade de meros objetos, na qual o próprio homem, embora reificado como vendedor de força de trabalho sob o capital, estava unificado nesta condição como sujeito capaz e portador natural de direitos igualitários (“Século dos Direitos” - N. Bobbio). O sociólogo Laymert Garcia dos Santos, doutor pela Oxford University e professor titular da Unicamp tem nos brindado com vários artigos e um brilhante livro sobre este processo, tendo, recentemente comparecido ao Programa “Invenção do Contemporâneo” na TV Cultura, no qual apresentou seu olhar nesta além-modernidade.

(<http://www.cpfcultura.com.br/2009/08/04/integra-modernidade-e-a-dominacao-da-natureza-laymert-garcia-dos-santos/>)

No mundo dos artefatos tudo mudou e ainda estamos tentando entender do que se trata esse novo tempo. Qual sua tecnologia, qual seu falar, qual sua

razão de ser? Mal conseguimos. Mas ele é visível numa simples observação de um sobrevivente do furacão Catrina em *New Orleans*, quando disse: - “Lá estávamos nós, náufragos, com fome, sede e total insegurança, em cima de alguns telhados, no centro do maior império econômico do mundo, abandonados, durante dias. É como se o Governo pensasse assim: Eles fizeram essa escolha. Agora nadem. Ou morram...”. (“Heist – Quem roubou o sonho” – Doc) . Talvez aí esteja a síntese do nossa Era: o cinismo. Mas não o cinismo literário, construído como defesa pelo romântico desiludido, que tal como o poeta de Fernando Pessoa, finge sentir que não é dor a dor que sente profundamente. Agora a impressão é que ninguém sente mesmo nada, a não ser com altas doses mortíferas de drogas ou felizes espectadores de grandes shows. Não se trata do fim do romance, mas de sua inexistência em qualquer tempo. A palavra de ordem é : SALVE-SE QUEM PUDE! Coisa que faria corar até o iconoclasta Oscar Wilde, quem, zombando dos entusiastas do fin du siècle (XIX), diziam que , ao contrário do que pensavam, “o mundo caminhava inexoravelmente para o individualismo”. Não caminhou, ultrapassou...

Não vou, hoje, completar essa impressão com os dados sobre a eleição de Reagan nos Estados Unidos e E. Thatcher, na Inglaterra, como marcos políticos do Consenso de Washington que varreria o mundo numa tormenta neoliberal que engoliria até o Marxismo Soviético e Chinês e seus corolários espalhados pelo mundo inteiro -os Partidos Comunistas - , levando de roldão o trabalhismo inglês, grande parte da social-democracia européia, e até segmentos importantes da esquerda creolla como peronistas de Menem na Argentina e o tucanato recém criado no Brasil. Nem com as valiosas informações de Layert no campo da ciência que produziu as condições técnicas da Era das Aberrações. Não é esse meu propósito, hoje.

Quero falar, neste contexto, na venda do Neymar para o Barça, da Espanha. E de como alguns ídolos do futebol e outros esportes, das artes e até da Política, se transformam em novos milionários. Não só muito ricos, mas verdadeiros heróis, enaltecidos pelo públicos do mundo inteiro:

"A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais decorrência de personagens heróicas."

(Arthur da Távola – O carisma e o estrelado)

Vejamos Neymar:

Uma empresa brasileira de consultoria o situa como o sexto mais publicitável do mundo. Dia até que o craque do Santos foi vendido numa baixa, 'barato', ao ser avaliado em R\$ 122 milhões, indo para a Europa ganhar 7 milhões de euros por ano, quase R\$ 2 milhões por mês. Messi , aliás, outro craque do

futebol, chega a R\$ 244 milhões e é o mais valioso de todos.

Neymar é o sexto jogador mais valioso do futebol mundial, avaliado em € 50 milhões (R\$ 122 milhões). Esta é a conclusão de um estudo de marketing feito pela empresa brasileira Pluri Consultoria, que levantou números e valores dos 60 principais mercados da bola. Porém, levando em conta a idade do craque (19 anos), ele está "barato".

"O craque do Santos só ficou atrás de Lionel Messi (€ 100 milhões, ou R\$ 244 milhões), Cristiano Ronaldo (€ 90 milhões, ou R\$ 219 milhões), Andrés Iniesta (€ 65 milhões, ou R\$ 158 milhões), Cesc Fàbregas e Wayne Rooney (€ 55 milhões, ou R\$ 144 milhões). A empresa diz ter usado como fontes seu próprio levantamento, a "imprensa especializada" e o site "Transfermarket".

- A combinação de crescimento econômico, gestão profissional e melhoria do marco regulatório do futebol permitirá que, no futuro, jogadores de ponta do futebol mundial tenham o mercado brasileiro como possibilidade concreta de atuação. Nesse cenário chegaremos num estágio em que veremos times brasileiros contando com jogadores como Wayne Rooney e Iniesta ao lado de Neymar e Kaká. E viajaremos pela Europa vendo meninos vestindo camisas de times brasileiros. Aposto que esse é o futuro - escreveu o economista Fernando Pinto Ferreira, responsável pelo relatório "Painel Pluri Futebol 2011".

(Por wilson yoshio.blogspot - Do Globoesporte.com)

Os milionários passes e contratos, como se pode ver, se estendem a vários jogadores de futebol e alcançam diversos esportes. É bem conhecido, também, o sucesso do excêntrico jogador de golf, Tiger Woods. Tiger Woods é um dos melhores jogadores de golfe de todos os tempos. Venceu quase cem competições oficiais. Ao todo, já ficou por 623 semanas em número um do ranking mundial, quase 300 semanas a mais que o segundo. Isto lhe trouxe fama, muito dinheiro e cerca de 120 amantes ... Para se ter uma idéia de sua fortuna, só divórcio lhe custou 750 milhões de dólares...Outro herói...

Mas a lista se segue com outros ídolos, no campo das artes.

Conta-se que nunca houve, por exemplo, um artista plástico tão rico como Damien Hirst, apesar de muitos considerarem suas obras como verdadeiro lixo vendido a preço de ouro. É simplesmente inacreditável que isto ocorra não só com ele, mas que peças autêntica, de pintores consagrados cheguem aos milhões. Ele próprio afirma no título de uma de suas obras "Quase normal", marcada por aberrações horrendas, tal como tem feito ao alterar os originais de outros quadros famosos.

"Hirst promove suas exposições como se fosse um ator de cinema. Os

jornalistas são convidados para coletivas em grupos de três que duram apenas vinte minutos. Como uma prima-dona, ele parece farto do monótono assédio da mídia. Acomodado num sofá de couro em um enorme salão vazio no sétimo andar da Tate, ele olha diretamente nos olhos ao apertar a mão de cada jornalista, sempre transbordando autoconfiança. É claro que lhe importa pouco o que pensam dele. Está acostumado a ser elevado ao céu ou atirado aos quintos dos infernos.

Como um artista acusado pela crítica de não saber pintar, cujas obras podem ser substituídas por cópias caso o original se deteriore, se tornou um homem tão rico? "Não sei, talvez porque eu tenha sorte. Não sei como responder a essa pergunta. Com certeza porque as pessoas gastam os tubos comprando meus trabalhos. Acho que a pergunta não é porque sou tão rico, mas se mereço ser tão rico" "

(http://www.domtotal.com/noticia_marcos/detalhes.php?matId=41)

Mas não são apenas os pintores os agraciados pela fortuna nestes tempos de artefatos, arrogância e valorização de aberrações. Os cantores ganham tanto que já comparecem na Revista Forbes, especializada neste tipo de ranking de riqueza no mundo:

" Saiba quais são os 10 cantores mais ricos da atualidade!

Não é fácil ser um cantor de sucesso. Muitos nadam, nadam, porém, morrem na areia. Beyoncé é um exemplo a ser seguido, já que a cantora começou com 9 anos, com as Girls Tyme, que evoluiu para Destiny's Child e, mais tarde, se lançaria no solo e conseguiria muitos prêmios, e consequentemente, muito dinheiro. O site MadeMan listou os 10 cantores mais ricos do mundo, baseado em dados da revista Forbes e dos jornais New York Times e Sunday Times. Knowles e seu marido, o rapper Jay-Z, fazem parte da lista, confira:

Em 2007, a Forbes informou que Jay-Z tinha uma fortuna avaliada em U\$150 milhões. Desde então, ele vendeu a Rocawear por 204 milhões e fechou um contrato com a Live Nation, por mais 150 milhões. Isso tudo se soma em 504 milhões de dólares, não contando com os números de contratos com a Budweiser, Armadale Vodka e seu último álbum, "Blueprint 3".

Princesa do pop e rainha de Jay-Z, Beyoncé tem uma fortuna estimada em U\$315 milhões. Entre seus discos solo e os das Destiny's Child, Knowles já vendeu mais de 100 milhões de cópias; estrelou em campanhas publicitárias de gigantes, como a Pepsi, e é recordista de prêmios Grammy® dados à uma cantora, com 16 no total. Além de estrelar em filmes de sucesso, como "DreamGirls". Com 28 anos de idade, a cantora é a mais nova a fazer parte da

lista.

Paul McCartney

Jay-Z

Madonna

David Bowie

Sean Combs (P. Diddy)

Beyoncé

Mick Jagger

Elton John

Céline Dion

Mariah Carey"

Fonte: MadeMan.com

([http://www.bemestarourofino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-atualidade!/\)](http://www.bemestarourofino.com/products/saiba-quais-s%C3%A3o-os-10-cantores-mais-ricos-da-atualidade!/)

As listas e exemplos poderiam se alongar. Por pudor não vou postar a lista dos Pastores mais ricos. Um escândalo! Mas meu propósito, até aqui, é apenas elencá-los, não com o sentido amaldiçoar seus ricos beneficiários por esta dádiva, a qual recolheu muitos das mazelas da pobreza para até tonteá-los com o botim da fama, que dificilmente administrarão adequadamente. A questão é: Como é possível que isto ocorra, quando há poucos anos artistas mal ganhavam a vida nos circos ou nas ruas e quando desportistas dificilmente conseguiam se profissionalizar? A resposta está na virada dos anos 80 que produziu simultaneamente artefatos e ídolos cada vez mais expostos numa sociedade de grandes espetáculos, estes, em grande parte, também produzidos.

"Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um "self" extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma,

marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo”

(Arthur da Tavola, citado acima).

Não que Neymar, Paul Mc Cartney ou o citado Damien Hirst não tenham talento e que, por este dom, distingam-se e se valorizem pela raridade na espécie humana. Mas o talento de cada um deles está inserido no contexto de uma sociedade de aberrações, cuja maior aberração é exatamente dispor de condições tecnológicas para alimentar a humanidade toda, das condições patrimoniais para manter todo mundo num emprego digno e o mundo em paz e não o faz. Um bilhão morre de fome; 26 milhões estão desempregados na Europa e quase 40 voltaram à pobreza nos Estados Unidos; e as guerras regionalizadas, às quais se somam os atos de violência nas grandes metrópoles continua matando. A concentração de negócios em alguns poucos países, em algumas poucas mãos que, segundo a insuspeita Presidente do FMI mal chega a 0,35% da população do mundo, em alguns poucos bancos que concentram trilhões de dólares em Paraísos Fiscais é simplesmente inconcebível. Mas é ela que propicia o mercado no qual se gestam estas novas fortunas nas áreas do esporte, das artes e até das Igrejas. O talento de cada um deles sequer pode ser qualificado de excepcional, tarefa que só o tempo poderá ratificar. Mais das vezes, como nos ensinava Arthur da Távola, o estrelato está hoje impregnado de manipulações mercadológicas e financeiras:

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

"O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre- um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima , adiante e além da média."

(Arthur da Távola, citado acima)

É exatamente este processo de manipulação contemporânea das grandes virtudes como talento, beleza, inteligência e carisma que pode nos conduzir a uma banalização da cultura, tal como estamos vivendo a banalização da Política. Já não vemos grandes estadistas, em qualquer parte do mundo, preocupados, como dizia Churchill, com a próxima geração. Apenas candidatos que controlam máquinas partidárias putrefatas e extemporâneas que se sucedem nos cargos em decorrência de campanhas bem feitas por marketeiros ultra-especializados. Marx advertiu para a dominação capitalista como execrável, mas foi Weber quem melhor percebeu essa tendência à uma racionalização da vida contemporânea que leva a que tudo desemboque no artefato: aquilo que é produzido. **Assim, entre o impulso natural do passado e o espectro do manipulado ficamos nós, à espera de um futuro**

amedrontador que já chegou provocando não só imensas disparidades de propriedade e renda no mundo, mas agora, também, na própria espécie humana. Daqui a pouco nem poderemos mais argüir em defesa de Direitos Humanos, pois alguém arguirá: *Qual deles...? Somos geneticamente diferentes...*

1. O que é criatividade?

Miguel Ribeiro – colunista RSS 10 junho 2011

Miguel Ribeiro é Personal & Professional Coach, Palestrante e Consultor Organizacional

e-mail:

miguelribeiro53@yahoo.com.br

www.miguelribeiro.com.br

http://www.ricardoorlandini.net/colunistas/ver/22/30621/O_que_e_criatividade

A criatividade é a ferramenta mais adequada para encontrarmos maneiras de fazer mais com menos, de reduzir custos, de simplificar processos e sistemas, de aumentar lucratividade, de encontrar novos usos para produtos, de encontrar novos segmentos de mercado, de desenvolver novos produtos e, também, de melhorar a sua vida, tornando-a mais criativa e interessante. Tornar-se mais criativo significa ampliar e desenvolver as habilidades de solução de problemas e de aproveitar as oportunidades que surgem no dia a dia. Isto implica no domínio de algumas técnicas, ferramentas e estratégias que nos ajudam a entender os desafios, a gerar ideias para lidar com estes desafios, a selecionar as melhores opções e a planejar e implementar com sucesso as ações de melhoria. O Processo Criativo se fundamenta em três princípios: Atenção, Fuga e Movimento. O primeiro princípio nos diz: concentre-se na situação, oportunidade ou problema; o segundo: escape do pensamento convencional; o terceiro: dê asas à sua imaginação. Ao nos concentrarmos, preparamos nossa mente para romper com a realidade existente e se abrir para a percepção de possibilidades e conexões que normalmente não enxergamos. Se estivermos explorando oportunidades, voltamos nossa atenção para o que não funciona ou pode ser aperfeiçoado. Se estivermos analisando um problema, concentramos nossa atenção para compreender melhor a situação, suas diferenças e similaridades com outras situações conhecidas, as peculiaridades do problema analisado e suas possíveis causas. O conhecimento dos três princípios do

processo criativo abre o caminho para o entendimento dos diversos métodos e técnicas de criatividade. Dominando os três princípios, Atenção, Fuga e Movimento, você pode criar o seu próprio método, selecionando, combinando, ou mesmo criando as técnicas e ferramentas que mais se adaptam à sua personalidade e preferências. Você também pode adequar métodos e técnicas ao problema específico que está enfrentando. Para serem eficazes, as técnicas de criatividade precisam ser acompanhadas de atitudes mentais que nos levem a ver o mundo sob diferentes perspectivas, a vencer os bloqueios mentais e a trilhar caminhos nunca antes tentados.

Os bloqueios mentais são obstáculos que nos impedem de perceber corretamente o problema ou conceber uma solução. Pela ação destes bloqueios, nos sentimos incapazes de pensar algo diferente, mesmo quando nossas respostas usuais não funcionam mais. Alguns bloqueios são criados por nós mesmos: temores, percepções, preconceitos, experiências, emoções, etc.

Outros são criados pelo ambiente: tradição, valores, regras, falta de apoio, conformismo, entre outros.

Para tornar sua vida mais interessante é fundamental identificar claramente os bloqueios que impedem-no de pensar diferente, para viver criativamente. Citando Thomaz Jefferson: “Nada pode impedir uma pessoa com a atitude mental correta de realizar seu objetivo, porém, nada na terra pode ajudar uma pessoa com a atitude mental errada”.

2.Sedução do mito

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2008/03/seduo-do-mito.html>



O drama do mito tem no herói, desde tempos imemoráveis, o personagem principal. É impossível pensar a mitologia sem o heroísmo, porque se entrelaçam e se confundem naquilo que podemos definir como transcendência do Eu. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo. Mas é bom lembrar essa frase: “Basta um instante para fazer um herói, mas precisa-se de uma vida inteira para fazer um homem do bem”. Os deuses gregos nasceram enraizados em reações humanas diante da vida. Seres carnis, seu comportamento ainda sobrevive na cultura moderna e permanecem vivos exatamente porque são mitos criados à semelhança de seu criador: o homem.

No princípio, era o Caos. O Caos engendrou o Érebro, as trevas infernais, a noite, o dia e o éter, o céu superior. Depois veio Géia, a Terra, e Eros, o Amor. De Géia, nasceu Urano, o céu. E de Géia e Urano surgiu a primeira geração divina da mitologia grega. Nunca se viu mitologia tão humana como a grega. Tão humana que os deuses frequentemente desciam do Olimpo para se intrometer na vida dos mortais, quando não para se entregar a eles.

Hermes, por exemplo, capaz de atravessar o espaço repentinamente, graças às suas sandálias aladas, é o Superman de hoje (ou o Flash, o homem relâmpago, para ser mais preciso). E Afrodite, exuberante, que encarna a fecundidade, mas também o erotismo, um tipo de Marilyn Monroe ou Catherine Deneuve do cinema. A mitologia era a projeção, na tela do céu, da imaginação, dos desejos e dos temores dos gregos. Os combates do Olimpo refletiam fielmente as rivalidades reais entre as cidades. Segundo as lendas, cada cidade possuía seu deus fundador. Zeus (senhor do raio e do trovão) é originário de Creta; Dionísio (deus da força vital), da Trácia; Afrodite (deusa do amor), de Rodes; Artemis (deusa da caça), de Esparta. Os habitantes dessas cidades consideravam os deuses como seus longínquos ancestrais. Assim deuses e

humanos são quase a mesma família.

A figura do herói fascina o cidadão comum. Com ele nos transportamos para um mundo mágico, onde as soluções dependem desse ser encantado. Na Antiguidade, o herói era cantado em prosa e verso (Ilíada, Odisséia). A mitologia grega era povoada de heróis (Aquiles, Heracles, Ulisses). Mas todas as culturas tiveram ou têm os seus heróis e seu significado é modelo exemplar para a sua comunidade. E mesmo na mitologia, o herói nem sempre é perfeito. Heracles matou os próprios filhos. Teseu abandonou Ariadne que o havia ajudada a percorrer o Labirinto.

Há heróis da pátria (Tiradentes, Bolívar, Bonaparte) que merecem um lugar no panteão, há outros que são produtos de biógrafos e historiadores. São alguns dos homens públicos que acabam recebendo coroa de louros nas páginas da História porque tiveram enriquecimento ilícito de parentes ou propina das empreiteiras. É do poeta Jean Cocteau esta convicção: “A História prefere a Mitologia, porque a História parte da verdade e ruma em direção à mentira; a Mitologia parte da mentira e se aproxima da verdade”. E o que dizer do anti-herói? O sem nenhum caráter Macunaíma, de Mário de Andrade, ou do herói bandido como Robin Hood nos bosques de Sherwood, Giuliano nas montanhas da Sicília ou Lúcio Flávio nos morros do Rio. Tem ainda os heróis trágicos, os mártires como Saco e Vanzetti do movimento comunista, Joana D’Arc, Maria Quitéria entre outros.

Sabemos apenas que nos dias de hoje os heróis mitológicos foram substituídos pelos heróis da moderna ficção: cinema, televisão, histórias em quadrinhos e videogame. Os do cinema são mais perenes (por graças aos mitos criados pelo celulóide que a arte cinematográfica construiu a ponto que faz com que o mundo bidimensional da tela e o tridimensional do espectador entrem em confluência), enquanto os da TV são mais voláteis, têm vida curta. Gary Cooper, Errol Flynn, Greta Garbo, Claudia Cardinale, Brigitte Bardot encantaram gerações e gerações, agora os tempos são outros e a TV vai competir com o cinema mas sem a mesma capacidade de sedimentar a figura do herói. A TV fabrica mitos e os devora. Já nas histórias em quadrinhos os super-heróis continuam imbatíveis. Abrangendo um público que vai da criança ao adulto, o culto é de encantamento. Por isso o cinema e a TV estão sempre aproximando os mitos dos quadrinhos para permanecerem atuais e atingir o grande público.

3. A SEDUÇÃO DO EFÊMERO: SOLIDÃO E PÓS-MODERNIDADE

Antonio Paulo Rezende

As trajetórias da história não comportam a linearidade dos tempos, mas sim um constante diálogo entre eles. Devemos evitar o estabelecimento de hierarquias, eliminando a idéia da história enquanto realização de um plano da natureza ou mesmo exaltando transcendências progressistas que fogem ao cotidiano do

fazer histórico. O sentido da história não é algo definido a priori, mas uma construção complexa. A leitura do sentido exige trabalhar com a diversidade das interpretações, com olhar de um hermenêuta que não se satisfaz com a mesmice. Contar a história é, portanto, um entrelaçamento da imaginação com as fontes pesquisadas, problematizando sempre e não pré-determinando os acontecimentos. A história é a grande invenção humana no seu viver e no seu narrar e sua cartografia não é fixa.

O território da história está aberto à comunicação com outros saberes, não havendo uma identidade imutável. É preciso ampliar a temática e não restringir os campos de pesquisa. Desde os tempos da Escola dos Annales que a historiografia vem passando por mudanças importantes. A crítica ao positivismo foi fundamental, como também a conexão com as Ciências Sociais. Não há um espaço do social que não possa ser investigado pelo historiador. São paisagens que movem sua capacidade de reflexão e ajudam a desvendar os enigmas do fazer histórico. A história é a construção da possibilidade, a busca criativa de alternativas para lidar com os múltiplos dramas e tragédias da vida que dão uma dimensão dos limites que nos cercam. Uma leitura das tragédias nos ajuda a compreender os significados mais profundos do ser humano.

A ampliação das pesquisas e das suas questões nos leva a pensar temas antes marginalizados. Com isso, novo referencial teórico deve ser definido e novos diálogos devem ser assumidos. Quando nos propomos a estudar **A sedução do Efêmero: solidão e pós-modernidade**, temos que nos envolver com temas antes pensados pela filosofia ou mesmo a psicanálise. Nossa reflexão, portanto, solicita que tracemos trilhas renovadoras e corramos riscos de quem anda pelas margens. Contudo, era uma grande ausência nos

estudos históricos a construção da afetividade, na sua dimensão histórica, tão trabalhada pelo historiador Peter Gay. Os nossos sentimentos também são invenções relacionadas com espaços e tempos da história. Não como negar sua inserção nos mais recônditos lugares da nossa vida e sua importância para compreendermos nossas escolhas, frustrações e desencontros.ⁱ

O estudo da afetividade, dentro de uma perspectiva histórica, sofre preconceitos. Há um receio de se estudar temas que envolvem a emoção e a subjetividade. Parece, então, que a história é a ciência do objetivo, quando sabemos da complexidade que compõe, de quanto as incertezas nos envolve, das sinuosidades que marcam os caminhos de cada vida, coletiva ou individual.ⁱⁱ A própria questão da objetividade está muito fragilizada desde as polêmicas já iniciadas no século XIX. Nietzsche, entre outros, mostrou como a interpretação e a linguagem são fundamentais, para o estudo do ser humano. Não há vida humana sem a possibilidade do exercício da interpretação, além de sabermos que formulamos nossas questões a partir das circunstâncias que compartilhamos. A neutralidade é uma grande quimera, não querendo negar com isso que há regras e ordens sociais, não esquecendo que o fazer social é resultado de continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências, sem falar na teoria da compulsão à repetição formulada por Freud. Visualizar todas essas dificuldades significar afirmar que todo conhecimento tem lacunas e que é impossível se pensar em esgotar as perguntas que nos incomodam. Com isso, aquietamos esse desejo do absoluto que tanto nos confunde.

II

Quando ressaltamos o estudo da pós-modernidade e da solidão é preciso esclarecer esses conceitos bastante polêmicos. A pós-modernidade não é analisada como período superior ao anterior. Não elegemos a hierarquia com ponto diferencial. É difícil esmiuçar o conceito de pós-modernidade, porque é o tempo que vivemos, a nossa mais crua contemporaneidade. Além disso, não devemos esquecer que os tempos históricos se complementam ou se conflitam. A famosa crise da modernidade convive com a pós-

modernidade. Nem tudo, está definitivamente perdido ou mesmo deixando de ter importância. É inegável, porém, que temos que procurar outras maneiras de analisar o mundo humano e ter um olhar mais crítico diante das verdades modernas. Há um retorno de práticas do passado, como também um crescimento exuberante da tecnologia. O bem e o mal se apresentam de forma confusa. Os valores éticos são outros e, na política, há um desencontro generalizado. Tudo isso significa renovação, mas amedronta, pois estamos vivendo grandes indefinições. A informática se faz presente de forma avassaladora. Nossas relações com as máquinas é parte do cotidiano. É a sociedade do espetáculo e da banalização da violência, contraditoriamente rica na produção de conhecimentos. Ultrapassemos muitos impasses, mas a sociedade globalizada não consegue viver sem drogas e depressões. Caímos num consumismo sem limites, sem uma socialização que possa diminuir as imensas diferenças sociais.

O morto pós-moderno não apenas acena para problemas sem soluções. Vivem-se certos reencantamentos com a natureza, faz-se uma feroz crítica à burocracia, buscam-se alternativas de convivências fora das fortalezas do narcisismo, retomam-se tradições orientais, pensa-se o holístico, desconfia-se da razão instrumental. Passamos por inquietudes que podem trazer soluções sociais e políticas que levem a práticas menos individualistas. Não há desenganos definitivos, nem tampouco o fim da história. As possibilidades de mudança continuam abertas, os paradigmas não são verdades absolutas, a história nunca deixou de ser uma invenção humana, como também o projeto de autonomia não morreu, é válido para construir-se uma perspectiva mais igualitária e uma sociedade não infantilizada pelos brinquedos eletrônicos, pelo onipresente fetiche das mercadorias. Ainda há espaço de luta para salvar-se da insanidade mental ou do culto fundamentalista das riquezas materiais.

No mundo de tantas diversidades a questão da solidão ganha territórios imensos. Hannah Arendt já apontava para os limites da expansão tecnológica, no seu livro *Entre o passado e o Presente*, que levaria o ser humano a conviver com uma solidão destruidora diante da massificação constante dos valores. Criamos a cultura, estamos cercados dos nossos

produtos, somos criador e criatura, mas mergulhamos numa relação coisificante com os nossos inventos. Para eles, muitas vezes, jogamos nosso afeto, desprezando a convivência social com outros seres que nos ajudaram a atravessar trilhas turbulentas. Essa dificuldade de distinguir os significados, até hoje, dos projetos de modernidade, faz com que pouco uso façamos das práticas de solidariedade. Ritualizamos para esconder os desequilíbrios e sacralizar o solene, o gosto amargo da não felicidade se esconde por detrás de alegrias fabricadas.

No mundo da cultura parecemos seres estranhos, sem intimidades com o que criamos, como vítimas dos mecanismos transferenciais que dominam a mídia, no reino do Big Brother. Portanto, o exercício da crítica se perdeu, parece ser monopólio de alguns iluminados pela arrogância de um tipo de saber considerado científico. Diante da tantas vicissitudes, nos recolhemos, muitas vezes, em moradias minúsculas, cercados de artefatos eletrônicos, mal sabendo a finalidade de seus usos. A solidão se apresenta como uma fuga, como uma dificuldade de se lembrar das nossas aventuras afetivas e alegres e nos debruçarmos nos buracos estreitos da vida. Tornamos-nos exilados, desconhecendo nossos vestígios, confundidos as andanças das nossas memórias, com medo de perseguir as travessias mais sinuosas do mundo. A solidão como uma defesa, como um esconderijo mal acabado de uma arquitetura sufocante, espraia-se de maneira visível pelo mundo da verdade capitalista. Parece uma armadura que silencia os ruídos incômodos dos fantasmas do eu.

O aprofundamento dessa solidão nos faz desconhecer o valor do outro. Estamos submersos no egocentrismo da mesmice, para pudemos suportar as refeições mal comidas nos restaurantes de quilo, as transas mais resolvidas nos quartos bregas dos motéis, a coca-cola salvadora da nossa digestão apressada. Não choramos as lágrimas que aliviam a dor, preferimos a ação química dos psicotrópicos multinacionais. O inferno termina sendo justamente o outro como afirma Sartre na sua peça *O diabo e o bom Deus*. Puro engano ou elegia da decadência dos humanos. Não é possível pensar a história sem o outro, sem o compartilhar, sem o toque violento ou amoroso do outro. Como bem salienta Castoriadis,

nos seis volumes das *Encruzilhadas do Labirinto*, o histórico e o social estão entrelaçados, a manutenção desse vínculo move a cultura e fortalece a nossa capacidade de compreender a dimensão do mundo.

Por outro lado a solidão apresenta outras cores. Ela pode ser o encontro e não a busca. Ela pode ser a escuta e não o desespero. Ela pode sinalizar com os significados mais radicais, dando fôlego a nossa subjetividade. Não temos, portanto, o exílio medroso, mas a leveza do sonho, de não temer as fantasias, de vestir uma camisa listrada e sair por aí. Não é possível a história sem a construção do diferente, sem um projeto que nos arranque da passividade e do conformismo, sem a visão elucidativa da conjugação de todos os tempos, sem privilegiar o passado, nem o futuro, mas circulando no tempo mágico do presente, o grande caos onde desembarcamos todas nossas vivências amigáveis ou não. A solidão é, então, uma longa viagem pela clarividência que nos ajuda a desatar os nós com segurança e ânimo, nos fortalecendo como criaturas e criadoras da história que não temem as assombrações, nem os simulacros, apenas não esquecem a curiosidade de perguntar qual o tamanho da dor, se ela pode ser maior do que nós mesmos. Como as cidades invisíveis de Ítalo Calvino, nossa solidão possui todas as simetrias, mas fala o silêncio, pois se encanta com a fábula que, magicamente, faz de você sua própria e aconchegante moradia. Assim tecemos o manto do tempo sem pressa, costurando as surpresas e os desencantos, sem sufoco, sem pensar no que tarda, nem no que madruga, mas inserido no cenário de sua invenção cotidiana.

O efêmero nos lembra o conceito de modernidade de Baudelaire. Ele nos impressiona pela sua rapidez, mas dialoga com a eternidade, a sua medida, a sua máscara. A velocidade define o efêmero, mas a sentimos porque o imaginamos o tempo sem começo, nem fim. Elegemos sempre deuses, para salvaguardar nosso desejo de tornar-se infinito. Com desenvolvimento da tecnologia, as invenções ganharam um desempenho inesperado. Tudo se reduz a segundos, a milímetros. Tudo cabe em tudo. Espaços pequenos tornam-se imensos, de um celular minúsculo falamos para o mundo, numa tela plana de televisão avistamos mares nunca dantes navegados, nos aproximamos do proibido, nos assustamos com práticas culturais de outros povos. O que é mesmo a medida, ou melhor para que serve

medir ? Apenas dizemos o tempo passa, mas passou tanto, será que ele não se esgota, que não se acanha de nos incomodar com suas expectativas e dissonâncias? O efêmero talvez nem exista, seja apenas uma especulação, pois tudo é vivido com o gosto de sempre, com a dúvida do talvez? Nada mais subjetivo do que o tempo. Ame e sinta, os limites de não fazer do tempo uma ponte entre o desejo e o delírio. Por isso invente o efêmero, mas não queira vivê-lo, não sucumba aos seus encantos, despreze suas seduições. As escravidões do desejo são armadilhas que circulam incessantemente.

A análise da moda feita por Gilles Lipovetskyⁱⁱⁱ é bastante pertinente para se conhecer as curvas do efêmero, a sociedade da moda e do modismo, consagrando a novidade. A busca das diferenças faz parte da força do efêmero no mundo da moda que se anuncia desde os finais dos tempos medievais: *O êxtase do novo é consubstancial aos tempos democráticos; foi esse crescendo na aspiração às mudanças que contribuiu poderosamente para o nascimento da Alta Costura enquanto formação burocrática fundada na separação do profissional e do particular e consagrada à criação permanente.*^{iv} A sociedade pós-modernidade se institui na sacralização das novidades, não deixando de lado a possibilidade de exercitar o consumo desenfreado das mercadorias, tudo isso que nos faz pensar que o tempo é uma grande fantasia que faz manter a força de gravidade da história. *O desejo e a sedução comandam nossas vidas. Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É artifício do mundo.*^v

Restar salientar que as relações afetivas não ficam congeladas, nem apenas determinadas pelas chamadas infra-estruturas. Elas se entrelaçam com as aventuras humanas contribuindo com sua singularidade para periodizar os tempos históricos e mesmo seu dia-a-dia. São referências. A pós-modernidade ainda suspira incertezas quase absolutas. Seus mistérios se misturam com suas ousadias ou mesmo com sua banalização. É difícil se analisar com clareza o tempo que estamos vivendo, há sempre dúvidas, não se firmaram os hábitos e as surpresas estão sempre presentes. Existe na história essa dificuldade de se visualizar o que continua ou que se refez com outros significados. Assim vamos construindo

a cultura, nosso território privilegiado apesar dos desconfortos e das reflexões pessimistas. O historiador não perdeu o encanto da narrativa, com poder de síntese, com pacto com uma forma que lembre a leveza dos bons textos de García Marquez. Sua solidão não é de estranheza diante da complexidade do que contempla. Seus ruídos são importantes. A sua narrativa só está salva quando também seduz. E, nesse momento, que ela foge silenciosamente da solidão, passando a pertencer à coletividade que a ler e comungar da astúcia das suas imagens e do seu conteúdo peregrino que não teme as diabruras do mundo, porque seu ofício se configura ao desenhar outros mundos, sempre diferentes, nos pactos silenciosos com sua imaginação.

Para que se livrar das dúvidas, se a história sem inquietações extermina nosso poder de invenção, esvazia nosso imaginário social? Viver e contar são as celebrações mais sedutoras que fazem imagens de espelhos intensamente riscados, parecerem contaminados com os instantes mais próximos. E, às vezes, acreditamos que a linguagem é o traço mais sublime da nossa cultura, sem perceber que ela lida com ilusões, é um cárcere disfarçado, para nossas alucinações, como um palhaço que queima o circo, para esquecer o riso incomum que lhe contagiava. Não há lugar para o sempre na história, tudo está por um triz, mas é loucura transformar isso numa verdade definitiva. O olhar do solitário rasga máscaras e finaliza o encontro. Ele sabe que a sua saída é, muitas vezes, não acreditar nele mesmo. Incomoda-lhe a mentira que roubou sua paz, aliciou sua agonia e escondeu a tragédia. O ofertório da história está, muito além, do que os olhos apenas contemplam. A loucura do palhaço é humana, também se constrói na história e não levita sobre o mundo como um beija-flor apaixonado pela única flor do jardim. Sem o encantamento do mundo estamos prisioneiros, não escutamos os passos de quem se aproxima. Estamos na outra margem do rio sem ponte que, apenas, dirige-se ao oceano, subalternamente, ligado na sua solitária e egocêntrica sobrevivência. Quem não tem o que contar sepultou a história. Perdeu o outro, o encontro e se finaliza na busca, amarrado num sentido único que esconde a multiplicidade das histórias

ⁱ Ver os quatros volumes de Peter Gay sobre o século XIX, publicados pela Cia. Das Letras ou mesmo o livro de Jurandir Freire, Sem fraude, nem favor, um profundo estudo sobre as relações amorosas.

ⁱⁱ Sobre o mundo das incertezas ver as obras de Jean Baudrillard, um dos teóricos fundamentais da contemporaneidade e também do antropólogo Michel Maffesoli, com análises bem interessantes sobre os dilemas da pós-modernidade.

ⁱⁱⁱ O império do efêmero (a moda e seu destino nas sociedades modernas). São Paulo: Cia das Letras, 1989

^{iv} Idem,ibdem, p.102.

^v Baudrillard, Jean. Da Sedução. 5 edição. Campinas : Papirus,1991,p. 5. 8

FONTE:[http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-](http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/ANTONIO%20PAULO%20REZENDE.pdf)

[simposio/anais/textos/ANTONIO%20PAULO%20REZENDE.pdf](http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/ANTONIO%20PAULO%20REZENDE.pdf)

4.Sedução Máxima: Os 4 Maiores Poderes do Mundo

<http://leisdaseducao.com.br/seducacao-maxima-os-4-maiores-poderes-do-mundo/>

Hoje eu vou falar sobre uma coisa muito importante. Se você conseguir entender a mensagem você poderá mudar completamente sua vida com relação a sedução de mulheres como também com muitas outras áreas da sua vida. Alguma vez vocês já parou e pensou: O que move a vida das pessoas? O que move o mundo em que vivemos? É sobre isso que vou falar abaixo!

Basicamente, existem **4 tipos de poder que movimentam o mundo**. Eles influenciam a vida de todos os seres humanos desde quando somos crianças. E logicamente tem um impacto na sedução. São eles:

1. **Dinheiro**: Indiscutivelmente, dinheiro traz muito poder para uma pessoa. Se você fosse o homem mais rico do mundo, como Bill Gates, com 50 bilhões de dólares na sua conta bancária, você teria grande influência na sociedade. Com esse dinheiro não apenas centenas de mulheres maravilhosas se aproximariam de você, como também muitos políticos e homens de negócios influentes. Sua capacidade para satisfazer seus desejos fica gigantesca, você consegue muita cooperação e atenção das pessoas. O dinheiro move as pessoas e faz elas tomarem determinadas atitudes para consegui-lo. E se é você que está com o dinheiro, é você que está no controle. E o dinheiro certamente transforma o poder de sedução. Mas não necessariamente da forma como deveria ser, como veremos adiante.

2. **Beleza Física**: Imagine duas pessoas com exatamente as mesmas habilidades e capacitações profissionais. Só que uma é feia e a outra linda?

Quem você acha que vai conseguir o emprego? Agora você deve ter começado a perceber o poder da beleza física em nossa sociedade. Analise o poder que a Gisele Bündchen tem comparado a uma mulher feia e não atraente que trabalhe numa repartição pública. Quantos anos a não atraente teria que trabalhar para ganhar os milhares de dólares que a Gisele ganha num dia? Sem falar na atenção da mídia e influência sobre a moda. Com relação ao poder de sedução, de conquistar as mulheres, compare o poder que Tom Cruise ou Reinaldo Gianechini tem com o poder que um mendigo desdentado tem? Beleza física sem dúvida concede muito poder.

3. **Força/Violência:** A habilidade e capacidade para usar a força é motivo de poder desde a idade das cavernas. Ainda mais no mundo atual cheio de guerras e conflitos em que vivemos, o poder da força é muito evidente. Na escola, por exemplo, quem tem mais poder, o magrinho da turma ou o mais forte da turma? Quem vai ter mais poder de decisão e de influenciar os outros colegas de classe? Qual provavelmente tem mais sucesso com as mulheres.

4. **Persuasão:** A capacidade para influenciar as outras pessoas é uma arma extremamente poderosa. Embora tenham muitos exemplos dos 3 tipos de poder mencionados, quantas pessoas você conhece que se tornaram mestres na persuasão? O mais interessante é que se você vira um mestre na persuasão...

Você controla totalmente as pessoas nas 3 categorias anteriores!!!

Não importa o que a pessoa tem ou é, se você sabe como persuadir você está no CONTROLE. Isso quer dizer que se você virar um mestre da persuasão, você terá mais poder do que os ricos, os lindos e os fortes. Que tal? Já imaginou isso no jogo da sedução?

É isso mesmo! Se você sabe como persuadir, você pode tornar o rico num aliado e gozar do dinheiro dele de mil formas, desde viagens de graça até financiar sua empresa. Você também pode aproveitar da beleza dos outros para ter benefícios e pode usar a força dos outros a seu favor.

Mas além disso tudo o mais importante que você deve entender é que se você pode ter mais poder que as pessoas destas 3 categorias, imagine o poder que você pode ter sobre as pessoas comuns!

Para conquistar mulheres, muitos homens passam a vida toda tentando enriquecer, ficarem mais bonitos, se tornarem fortes. Uns trabalham todos os dias de forma super desgastante com a esperança de que um dia fiquem ricos, outros passam o dia inteiro na academia ou em mesas de cirurgias plásticas

para ficarem mais fortes e bonitos. Tudo isso é feito com a esperança de ganhar mais poder de sedução com as mulheres. O fato é que a maioria não consegue e mesmo os que conseguem, têm menos poder do que um mestre na persuasão.

Agora a questão é a seguinte:

Você gostaria de adquirir o imensurável poder de influenciar as mulheres a terem desejo por você?

Se a sua resposta for SIM, você precisa ir agora para o portal do Conversa de Homem e escolher a área que quer aprimorar. Os cursos de sedução e sexo que eles oferecem são simplesmente **impressionantes**! Isso sim é PODER!

Par começar sugiro que você leia o artigo [Como Seduzir Uma Mulher](#).
É Você Que Comanda o Jogo da Sedução!

O Passo Mais Fundamental Para Conquistar Uma Mulher

Deixe uma resposta

5;Sedução

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.-
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sedu%C3%A7%C3%A3o>

🔊 **Nota:** "Seduzir" redireciona para este artigo. Para o álbum de [Djavan](#), veja [Seduzir \(álbum\)](#).

🔊 **Nota:** Para outros significados, veja [Sedução \(desambiguação\)](#).



[Sexualidade](#)

[Fisiologia](#)[\[Expandir\]](#)

[Comportamento sexual](#)[\[Expandir\]](#)

[Saúde e educação](#)[\[Expandir\]](#)

[Identidade](#)[\[Expandir\]](#)

[Lei](#)[\[Expandir\]](#)

História[\[Expandir\]](#)

Aspectos sócio-culturais[\[Expandir\]](#)

Indústria do sexo[\[Expandir\]](#)

Portal de saúde

v • e

Sedução é o ato de seduzir ou de ser seduzido

1 conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, amor, interesse etc.; magnetismo, fascínio

2.1 capacidade ou processo de atrair alguém de modo capcioso ou através do estímulo à sua esperança ou desejo

2.2 capacidade ou processo de corromper, de perverter ^[1]

A sedução pode estar no terreno interpessoal ou no terreno dos [objetos](#). Assim como as pessoas procuram do seu dia a dia seduzir seus interlocutores em busca de melhor vivência e de melhor qualidade de [vida](#), também a [propaganda](#) utiliza-se muito desta [arma](#) para induzir ao [consumo](#).

No discurso informal, o termo geralmente está relacionado a casos amorosos, envolvendo atitudes específicas para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais, através do uso de [linguagem corporal](#).^[2] É um processo proveniente de duas (ou mais) partes envolvidas que pode ocasionar respostas comportamentais e emotivas inesperadas, analogamente ao processo químico.

[Sigmund Freud](#) na sua "teoria da sedução" afirmava que toda neurose surgiria a partir de um trauma sexual ocorrido na infância. Ao mesmo tempo, começou a formular o "complexo de Édipo", onde defendia que toda pessoa buscaria o prazer (representado, simbolicamente, pela figura materna), mas seria contida pelas leis e pela moral (representados simbolicamente pela figura paterna)^[3].

Carisma - é o poder de sedução e integração da pessoa sobre outras pessoas. Cada nível de Carisma ,aumenta +1 permanente em Carisma .
Níveis : 1-Carismático 2-Muito Carismático 3-Magnético .

A [ciência](#) tem feito muitas descobertas no campo da sedução, como por exemplo:

1. andar com um [cachorro](#) facilita o contato com pessoas desconhecidas, pois o cachorro estimula o afeto das pessoas; 2. música romântica aumenta as probabilidades de [conquista](#);



Mulher ouvindo música romântica

3. homens são mais atraídos por mulheres com os pés pequenos; 4. pesquisas confirmam que a riqueza e o alto status social tornam as pessoas sexualmente mais atraentes; 5. homens que se vestem de vermelho são mais atraentes que os que se vestem de outras cores.

6. A riqueza e o alto status social estão logicamente relacionados a uma maior probabilidade de manutenção confortável da prole resultante da relação. E a cor vermelha, em diferentes culturas, está relacionada à riqueza. 7. Estudos indicam que a presença de uma certa quantidade de "genes gays" aumentaria a atração sexual de um indivíduo, pois o homem com genes homossexuais tenderia a ser mais atencioso (característica feminina) com a mulher e a prole, enquanto que a mulher com genes homossexuais tenderia a ter um maior impulso sexual (característica masculina) do que a mulher sem esses genes. Em relação ao homossexualismo, é interessante citar a opinião de Sigmund Freud, o criador da psicanálise. Ao contrário da opinião científica corrente, que advoga uma causa genética para o homossexualismo, Freud defendia que o homossexualismo era fruto de uma incapacidade do indivíduo de conseguir ter um bom relacionamento com o genitor do mesmo sexo, o que geraria uma busca pelo genitor do mesmo sexo na figura de um relacionamento homossexual. Caso a incapacidade fosse a de se relacionar satisfatoriamente com o genitor do sexo oposto, isto geraria uma ninfomania. 8. Homens preferem mulheres com o rosto bonito que mulheres com o corpo bonito na hora de escolher uma parceira para casar e ter filhos. A beleza do rosto está relacionada à fertilidade da mulher.



Mulher cheirando rosa

9. As mulheres, especialmente em seus períodos férteis, têm maior atração por homens criativos. 10. As mulheres sentem-se mais atraídas por homens com barba rala e bem-cuidada, pois denota virilidade. 11. As pessoas tendem a

sentir-se mais atraídas por pessoas que têm o mesmo estilo de linguagem que o seu.

- Uma outra forma de seduzir é o "flerte",nesta não há comprometimento (destituída de sentimentos profundos) ,envolve técnicas de persuasão e encantamento com o intuito de levar o sexo oposto a ter paixão ou grande desejo pelo flertador. Tais técnicas podem ser um olhar de consentimento até sinais corporais (não-verbais) que significam diversos estados emocionais. Há obras no mercado que auxiliam principalmente pessoas tímidas a sentirem-se bem em flertar e desinibirem-se com mais facilidade. Há pessoas que acham que o flerte é algo inútil, falta de criatividade. O flerte antecede o namoro, o qual é um compromisso maior que o flerte. O flerte pode ser uma prévia da sedução.

Desde a publicação do livro “The Game” de [Neil Strauss](#), a **comunidade da sedução** tem atraído publicidade maciça, bem como ceticismo, em vários lugares do mundo.^[4]

Referências

1. [Ir para cima](#)↑ {{Dicionário Eletrônico [Houaiss](#) da Língua Portuguesa}}
2. [Ir para cima](#)↑ [Livro A Arte Da Sedução](#). Acessado em 09 de outubro de 2014.
3. [Ir para cima](#)↑ [Teoria Freudiana](#)
4. [Ir para cima](#)↑ ["PUA - O Guia Completo do Pickup Artist"](#). *PUA Sedução*. Consultado em 2015-08-06.



Este artigo sobre [sexo](#) ou [sexualidade](#) é um [esboço](#). Você pode ajudar a Wikipédia [expandindo-o](#).

6.PUA – O GUIA COMPLETO DO PICKUP ARTIST (DEFINITIVO)

<http://www.puaseducao.com.br/>



Os PUAs (abreviação para Pickup Artist) são pessoas que estudam e praticam técnicas relacionadas à psicologia e sociologia com foco em seduzir seus parceiros sexuais. No Brasil, o **PUA** é comumente conhecido, sobretudo pela mídia, como “**artistas da sedução**”, contudo, o foco dessas pessoas vai muito além da sedução em si.

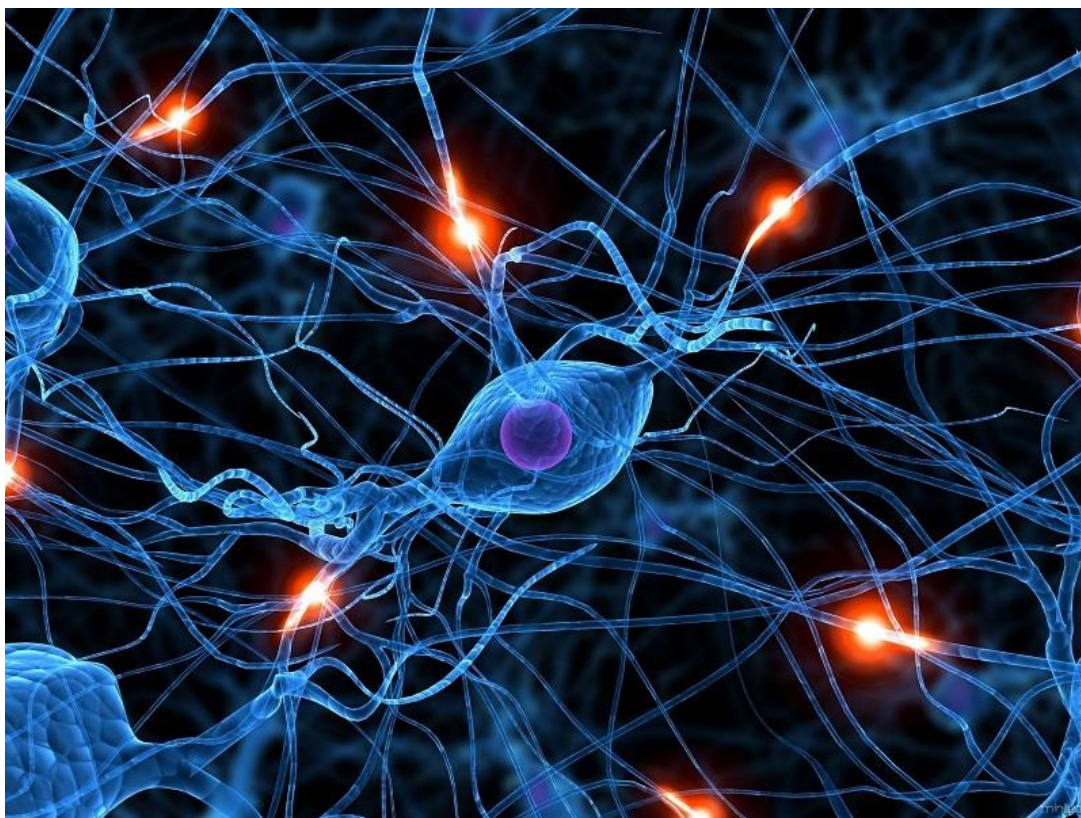
Juntos, através de seus grupos de debate online e reuniões e palestras físicas, buscam a evolução de si mesmos, empenhando esforços em diversas áreas da vida, como a confiança e a saúde física e mental.

O termo “**Pickup Artist**” se tornou popular no início da década de 70 com o livro “*How to Pick Up Girls*” de Eric Weber. Porém, tornou-se popular no mundo todo através do livro O Jogo de Neil Strauss, seguido da série de TV “*Pickup Artists*”, de Mystery (Erik von Markovik), autor do famoso *Mystery Method*, o método mais difundido no Brasil.

Desde a publicação de “O Jogo”, a **comunidade da sedução**, como PUAs são referidos coletivamente, tem atraído publicidade maciça, bem como ceticismo, em vários lugares do mundo.

Devido à associação (na maioria de vezes errônea) entre casos famosos e o movimento, algumas pessoas se manifestaram contra o movimento PUA. Podemos citar aqui de forma rápida, o caso de *Elliot Rodgers*, um jovem que realizou um atentado contra mulheres no ano de 2014 e foi associado pela mídia como ligado às comunidades *PUA*. Outro caso, do autointitulado “*consultor de sedução*” Julien Blanc, que foi proibido de entrar no Brasil e na Austrália, por ensinar técnicas que denigrem as mulheres.

Técnicas mais Avançadas



Técnicas de *programação neurolinguística (PNL)* associadas à Hipnose e até mesmo o Rapport (espelhamento físico) passaram a ser difundidas nas últimas décadas no meio da sedução. Assim, o cenário PUA acabou recebendo críticas de diversos meios de comunicação e grupos feministas.

Sobretudo, pelo discurso fora de contexto de alguns membros, o qual deram entender, aos ouvidos dos que não conhecem os métodos, que os PUAs menosprezam e tratam as mulheres como meros objetos sexuais.

Alguns especialistas vieram a público referendo-se aos métodos como falsas propagandas criadas para comercializar livros e palestras. No entanto, uma pesquisa feita por Nathan Oesch do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de Oxford validou os princípios da atração e sedução, como descritas em livros de Strauss sobre o assunto. Colocando assim, as técnicas baseadas na psicologia social e evolutiva, como eficazes na geração de atração entre os seres humanos.

Muito embora seja um movimento com quase absoluta formação entre os homens, há pequenos movimentos PUAs formados por mulheres, que focam a sedução direcionada aos homens.

Pausa Rápida: Estamos dando acessos grátis para nossa área VIP, entre agora na área reservada do site:



EU QUERO ACESSO VIP

**Dezenas de Livros, Vídeos,
e Materiais de Sedução**

GRÁTIS

Programação Neurolinguística (PNL)

A PNL é uma maneira de modelar outros comportamentos fazendo uso de técnicas de comunicação verbais e não-verbais (como gestos). Nossa experiência é feita de visualização (imagens), experiências auditivas e sensações. A PNL estuda como a soma das imagens, sons ou diálogos internos influenciam o comportamento das pessoas.

PNL mostra que as pessoas não nascem com dons de persuasão ou sedução. As pessoas adquirem as crenças e os hábitos que o diferencia dos outros homens no que se referem a aparentar serem mais confiantes.

Rapport (Espelhamento)

Técnica de persuasão que tem como meta a fazer com que a pessoa alvo sinta uma semelhança em você, gerando assim uma afinidade maior. É uma técnica da psicologia usada para criar uma ligação de sintonia com a pessoa que você dialoga, seja ela uma pessoa a ser seduzida ou até mesmo uma pessoa com quem se negocia (o rapport é utilizado na área das Vendas).

Como exemplo de rapport, pode-se aplicar o espelhamento do tom de voz da pessoa (começar a falar no mesmo tom de voz e nível de empolgação) ou espelhar (imitar) a postura da pessoa com quem se conversa. Além disso, o ritmo da respiração, a velocidade da fala e os movimentos das mãos também são estudados.

Hipnose

A *Associação Americana de Psicologia* descreve a hipnose como uma interação cooperativa em que o participante responde às sugestões de alguma pessoa, no caso, o Hipnotizador . Enquanto a hipnose tornou-se bem conhecida graças a atos populares, onde as pessoas são motivadas para executar ações ridículas em estado de dormência , a técnica também tem sido clinicamente comprovada para fornecer benefícios médicos e terapêuticos , principalmente na redução da dor e da ansiedade. A décadas, técnicas de hipnose são usadas nos campos da **sedução**.

Principais Sedutores do cenário PUA

Style (Neil Strauss) – Autor do livro “The Game”, um dos mais conhecidos livros de sedução do mundo. Foi considerado como o responsável por trazer o PUA para a mídia mundial dando destaque para vários outros especialistas, entre eles seu amigo pessoal Mystery.

Mystery – (Erik von Markovik) – Criador do método Mystery (**Mystery Method**) um dos mais difundidos métodos de sedução do mundo. Embora seja considerado um método defasado, ainda serve como porta de entrada para muitas pessoas no mundo da sedução. Estrelou um seriado com duas temporadas sobre PUA.

Ross Jeffries – O ex-escritor de comédia Ross Jeffries é considerado por alguns como padrinho da sedução comunidade moderna. Escreveu o livro Speed Seduction, que se baseia em técnicas de PNL e Hipnose.

Zan Perrion – Palestrante e Coach, um dos maiores especialistas no método “cocky funny” (Arrogante Engraçado), utiliza técnicas de NEG (pequenas ofensas) para gerar afinidade. Em 2007 lançou seu filme “Que comece o Jogo”, não obtendo sucesso nas telas.

Discovery – Um dos principais parceiros de Mystery. Voltou a ativa em 2014 após ficar afastado dos olhares. Foi considerado um dos principais PUAs de 2014.

Lovedrop – Velho amigo de Mystery. Foi considerado um dos principais PUAs ativos segundo a PUA Lingo.

David Deida – Obteve destaque mundial após a publicação do famoso livro “O Caminho do Homem Superior”.

Tyler Durden (Owen Cook) – Um dos homens de frente da empresa RSD. Possui mais de uma década de conhecimento em sedução.

Você pode encontrar *livros traduzidos* e *vídeos legendados* desses caras em nossa área VIP grátis:



EU QUERO ACESSO VIP

**Dezenas de Livros, Vídeos,
e Materiais de Sedução**

GRÁTIS

Filmes PUA



Hitch, Conselheiro Amoroso – Will Smith interpreta Hitch, um consultor de relacionamentos que ajuda homens a conquistar a mulher de seus sonhos.

Don Juan de Marco (1995) – Jonny Deep faz o personagem principal que acredita ser Don. Além de seduzir várias mulheres, salva um homem que tenta se matar.

Alfie, o sedutor (2004) – Alfie é um conquistador muito simpático, que acaba direcionando sua energia e sua vida às mulheres. Tudo corre bem, até ele sentir um vazio existencial.

Jogando com prazer (2009) – Ashton Kutcher interpreta Nikki, um conquistador profissional que se muda para uma cidade grande e precisa seduzir mulheres ricas para ter onde dormir.

Como não perder essa mulher (2014) – Jon mora sozinho e resume sua vida em filmes pornôs, academia e sexo sem compromisso. Considerado como um Don Juan moderno pelos seus amigos, tudo começa a mudar quando conhece uma garota que, segundo ele, merece uma nota 1º, é a Barbara (Scarlett Johansson), que acaba mudando toda rotina do rapaz.

Dicionário PUA – Pickup Artist Dictionary

Os membros PUA compartilham seus conhecimentos e relatos de sedução (comumente chamados de “Relatos de Campo”) com os outros membros, afim de ajudarem e serem ajudados pelos mais experientes. Para facilitar esse processo, é extramente comum a utilização de abreviações entre os membros. Abaixo seguem as principais:

AA = Ansiedade. Ex. a pessoa acaba ficando tensa antes de se aproximar de uma garota

BL = Linguagem Corporal, também conhecida como linguagem não verbal.

CALIBRAR = ler as respostas verbais e não-verbais de uma pessoa ou de um grupo e deduzir com exatidão o que estão pensando ou sentindo no momento.

DHV , DVE , DVS = quando o sedutor realiza uma demonstração de valor superior, o que acaba gerando uma atração maior em relação a ele.

DVL ou DVI = o contrário da abreviação acima. Quando o PUA mostra-se inferior ao seu alvo.

PC = Conseguir o número de telefone do parceiro. (phone close)

KC = Conseguir Beijar o parceiro. (Kiss close)

FC = Conseguir transar com o parceiro. (fuck close)

IOD ou IDD = sinais que dão entender que a pessoa que está sendo seduzida não está interessada no PUA. (indicador de desinteresse)

KINO = tocar fisicamente o parceiro para gerar uma aproximação física e em alguns momentos, uma tensão sexual.

LMR , RUM OU RUH = resistencia de ultima hora -Quando o alvo apresenta resistencia a alguma coisa como beija-la por exemplo.

NEG = um leve insulto aparentemente accidental destinado à uma mulher bonita visitando demonstrar desinteresse.

OPENER = uma frase, pergunta ou afirmação direcionada à um grupo ou à uma pessoa que se quer seduzir, para se iniciar uma conversa.

PEACOCK = vestir-se com roupas espalhafatosas ou utilizar algum item que chame atenção, visando se diferenciar das outras pessoas.

Rotina = uma história, conversa pré-escrita, demonstração de habilidade, ou outro material preparado para iniciar, manter ou avançar numa interação.

WING = um amigo, geralmente com algum conhecimento sobre sedução, que ajuda o sedutor na coquista de mulheres.

Principais Fóruns de Debate e Sites

Pua Base – Maior fórum da América latina sobre sedução.

PUA Training – Consultoria de sedução criada por *La Ruina*, sediada em Londres com filial no Brasil.

Venusian Arts – Fórum criado por *Mistery*, *Matador* e *Lovedrop*.

Pickup Artist Forum – Conceituado fórum internacional de sedução.

7.A SEDUÇÃO DO PODER

por Raúl Pierri, da IPS - Ter, 28 de Junho de 2011

Montevidéu, Uruguai, 27/6/2011 – Os governos e os grandes meios privados de comunicação da América Latina travam uma guerra para conquistar a opinião pública, verdadeira legitimadora de poder, e a única solução parece ser uma aliança. “Batalha”, a palavra mais repetida no seminário “Comunicação, Pluralismo e Papel das Novas Tecnologias. O Cenário Latino-Americano: um Olhar sobre o Futuro”, realizado no dia 24, em Montevidéu, pela agência de notícias Inter Press Service (IPS) com apoio do Banco Mundial e do governo do Uruguai.



Ignacio Castañares/IPS

O presidente do Uruguai, José Mujica, fala no seminário organizado pela IPS e o Banco Mundial.

Do encontro participaram autoridades de meios de comunicação públicos e estatais da região, jornalistas, representantes da sociedade civil, e especialistas em comunicações. Essa batalha entre governos e mídia privada pelo manejo da informação ficou em primeiro plano nos últimos anos na América Latina, e tem como marco uma onda de administrações de esquerda e seu enfrentamento com determinados monopólios ou oligopólios.

Esses governos tiveram que fazer um pacto de paz com o grande capital, mas também apostaram em uma transformação das comunicações procurando democratizar a mídia, inclusive por meio de leis, explicou Fábio Zanini, editor internacional da Folha de S.Paulo. Zanini citou o exemplo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que para chegar ao governo “teve de fazer um movimento político estratégico, midiático, para mostrar-se confiável perante os bancos, o grande capital, os latifundiários e, também, para atrair para sua coalizão partidos de direita”.

Em definitivo, os governos de esquerda, e também os de direita, como o de

Sebastián Piñera no Chile, reconhecem a importância vital dos meios de comunicação, com os quais “têm uma relação conflitante”, afirmou Zanini. O secretário da Presidência do Uruguai, Alberto Breccia, preferiu qualificar a relação da esquerda com a imprensa de “esquizofrênica” e pediu aos participantes que propusessem elementos para saná-la.

Zanini destacou os esforços dos governos para ampliar os espaços públicos de comunicação, criando ou renovando canais e rádios, e expressou dúvidas quanto a estes serem realmente imparciais, alertando que podem simplesmente ser usados com fins de propaganda oficialista.

Por sua vez, Alberto Medina, codiretor de notícias da privada Cadeia Caracol TV, da Colômbia, disse que existe “uma guerra pela informação entre os setores público e privado”. E afirmou: “Não estou convencido de que os governos abram suficientemente os canais para um debate entre todos os setores. Sou um pouco descrente desses meios públicos ‘tão democráticos’. Não vejo espaços abertos para a oposição nos canais públicos. São canais que defendem as teses do governo da vez”, acrescentou.

Em meio a este enfrentamento, a missão da mídia comunitária “é poder instalar a luta pela liberdade de expressão como uma demanda geral”, disse à IPS a presidente da Associação Mundial de Rádios Comunitárias, a chilena María Pía Matta. “Nós tampouco queremos que nos transformem em atores do governo da vez. Creio que é preciso discutir mais sobre as liberdades em geral, sobre a liberdade de expressão e por que o Estado se afasta tanto destas liberdades”, afirmou. Na região, “o Estado sempre foi considerado um predador natural da liberdade de expressão, e isso ficou incrustado”, acrescentou.

No entanto, o diretor do jornal uruguaio de esquerda La República, Federico Fasano Mertens, disse que não são dois lados em batalha, mas três: o Estado, a mídia e a sociedade em geral. “A informação é um bem público, um bem comum, um patrimônio da humanidade. E, embora esteja sujeita à apropriação privada, porque o sistema assim o determina, deve estar na ordem do dia desestimular os monopólios e incentivar o pluralismo”, acrescentou.

Para Mertens, que também é diretor da Rádio AM Libre e do canal TV Libre, o fato de em um país haver vários meios de comunicação e de diferentes proprietários não significa necessariamente pluralismo. “Se existe apenas um único pensamento hegemônico, apesar de serem veículos diferentes, é quase um monopólio”, ressaltou.

O seminário foi acompanhado em tempo real pela internet, e dezenas de pessoas comentaram em um chat os conteúdos e fizeram perguntas aos debatedores. Por ali passaram as experiências das redes sociais, como o Twitter, nos levantes árabes e no movimento de descontentamento civil 15M (15 de Maio) na Espanha.

No entanto, o diretor de Comunicação do Governo de El Salvador, David Rivas, defendeu as medidas desse país para controlar a informação e para eliminar programas da mídia estatal que, segundo afirmou, é “nociva para a psique”.

Acrescentou que “retiramos programas que os governos anteriores haviam deixado nos veículos de comunicação do Estado com uma carga ideológica impressionante, onde nos vendiam a sociedade entre ricos e maus, se denegria a imagem da mulher e eram apresentadas coisas que beiravam o crime”.

Rivas também insistiu na necessidade de “perder o medo da regulamentação” dos conteúdos e das leis para “garantir maior acesso da população à mídia”. E ressaltou que “não existe um direito absoluto, nem mesmo o da liberdade de expressão. Os que nos disseram que ‘a melhor lei é a que existe’ nos enganaram todo esse tempo”, afirmou.

Essa frase foi citada durante o seminário e pertence ao orador principal, o presidente do Uruguai, José Mujica, que a utilizou há alguns meses para não aceitar uma proposta de legislar sobre os meios de comunicação deste país que, paradoxalmente, nasceu de um âmbito instalado por seu governo. Mas não foi Mujica quem repetiu essa frase no seminário que, por outro lado, exortou os presentes à “luta permanente” pela liberdade.

“Embora os meios de comunicação modernos e contemporâneos sejam capazes de nos dar recursos inimagináveis para nos comunicarmos, também podem ser os instrumentos mais negadores da liberdade”, afirmou. “Significa que a questão de como se usa e para qual finalidade se usa o progresso tecnológico é uma batalha, é quase desesperador”, acrescentou.

Miguel Wiñazki, secretário de redação do jornal argentino Clarín, decidiu começar por uma definição de opinião pública: “um coletivo que concede poder”, gerador, portanto, de um mecanismo de sedução colocado em prática pelos políticos e pela mídia. “Percebidas as crenças, os preconceitos e as ideologias dominantes da opinião pública, tanto os governos quanto a corporação política e a mídia privada tendem a exonerar o valor da informação em si para dar à opinião pública a fábula que está escrevendo”, disse Wiñazki. A esse conceito chamou de “notícia desejada”.

Esta notícia desejada, definitivamente, não passa de propaganda. “A ação jornalística propriamente dita é a batalha cotidiana dos trabalhadores da imprensa para impor a informação acima da notícia desejada”, ressaltou Wiñazki. Envolverde/IPS

8.Voto é afeto.

Paulo Baía. Cientista Político – UFRJ - 2002

Os processos eleitorais como o de 2014 alimentam as expectativas sobre os veículos de comunicação de massa.

Sobretudo quando constata-se que mais de 90% dos domicílios têm televisão e/ou rádio, e que o hábito de leitura é uma eventualidade, quando contrastado ao consumo audiovisual e digital.

Levanta-se então a questão: podem os programas eleitorais de TV e rádio definir a eleição?

Para os que acreditam, vale a tese de que voto é resultado da articulação dos afetos e dos desejos; sua racionalidade está no domínio da emoção, estando a cidadania sob efeito da emoção.

Analisar o porquê do voto nos traz uma dualidade; procuramos cálculos políticos nas escolhas e a decisão está vinculada ao território das paixões.

A emoção, mais que a lógica instrumental, forma a percepção do eleitor, sendo o voto a expressão mais profunda da verdade passionalizada pelo desejo. Na política, voto é materialização da fantasia, dos desejos.

É ato de prazer, ódio, desprezo, felicidade, depressão ou euforia.

É uma dimensão afetiva que se faz presente no dia-a-dia dos governos de forma invisível e silenciosa.

O voto é um agradecimento, vingança, pedido de perdão ou socorro.

Uma esperança que tem o poder de fundar uma nova ordem afetiva na vida de cada eleitor.

É uma catarse.

Uma celebração.

Tem uma lógica afetiva, construída na subjetividade do eleitor a partir de suas experiências, da memória emocional.

Essa lógica utiliza todos os artifícios da paixão, manobra o imaginário, os sentidos, as fantasias e os desejos que cada um tem sobre si e a sociedade.

É uma estratégia da emoção.

E, muitas vezes, uma cilada.

A escolha eleitoral é, então, forma acabada de afeto.

Votar é fazer do devaneio realidade política.

O voto está além do pragmatismo político; é o momento em que se produz a transformação dos sentidos represados na alma do indivíduo em gozo.

É acontecimento de um sonho, tendo a teoria das trocas políticas, a teoria dos jogos e a teoria das escolhas racionais como eixos do ato de votar.

Paulo Baía.

Sociólogo e Cientista Político Da UFRJ

9.O carisma e o estrelato

Arthur da Távola

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre – um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

Sintonia com a média é fator da idolatria e do estrelato, daí dificuldade de críticos e vanguardas reconhecerem os méritos artísticos porventura existentes no artista em estado de estrelato. Crítica, vanguarda e comunidade acadêmica num movimento de autodefesa e auto-afirmação só aceitam identificar-se com o gênio ou a imortalidade, jamais com a estética da trivialidade transmitida pelo estrelato ou pela idolatria, vale dizer, pela mediania em estado de exaltação e prestígio.

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais

decorrência de personagens heróicas. Nenhum ator ou atriz é astro ou estrela por representar figura do herói na ficção. Eles a representam porque são astros e estrelas, vale dizer, trazem misteriosas marcas de empatia que os identificam com os valores simbolizados na figura do herói. São atores (pessoas) ungidos por alguma forma de graça excepcional (dom gratuito, logo marca misteriosa, divinatória). Não são os personagens que os heroicizam: eles heroicizam os personagens. Independe do valor artístico da criação em tais seres se exerce o mistério da comunicação com valores profundos do “self” individual ou cultural. Por isso são estrelas: participam da morada dos deuses, sendo mortais.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um “self” extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes, ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo.

Examinando a natureza interna do carisma através do estudo e densidade do cristianismo e segundo a anteviu São Paulo em suas Epístolas, encontram-se entre eles alguns sinais e características que sob forma laica os atores e comunicadores também caracterizam: Apostolado; Profecia; Descrição de Espírito; Palavras da Sabedoria e a Palavra do Conhecimento; A Graça do Curar; O ofício de Doutor para Ensinar a Verdade; aí, segundo o cristianismo, formas pelas quais o carisma se manifesta na condição de “dom para o

desempenho da missão”. O paralelismo desse “in-sight” religioso com a missão do ator e do comunicador é evidente. Latejam as mesmas intensidades e idênticos e misteriosos poderes, dedicados, conforme o caso, a diversas finalidades, todas elas formas de evangelizar verdades e finalidades outras (políticas, humanas, existenciais etc)

Um desses carismas , o (dom) da Profecia , é expressivo das relações profundas com a arte dramática. Na acepção carismática, profecia é o dom de revelar “ o que não está ao alcance do conhecimento comum “. Será outra a missão do ator? E, dentro dela, a do estrelato que é uma forma aguda, intensa e nítida de revelação imediata dos valores contidos na figura do herói.

O estrelato em televisão não reside, com os mesmos conceitos, apenas no atores. Entre jornalistas, correspondentes, repórteres, locutores, cantores, bailarinos, animadores, comentaristas, dá-se o mesmo fenômeno, independente da qualidade, da artisticidade ou do desenvolvimento profissional, embora tais virtualidades impulsionem e amplifiquem o efeito do estrelato.

Dons gratuitos, portanto, de origem misteriosa. Toque sutil da Graça, ao mesmo tempo em que utilização pelo sistema produto, para as suas finalidades diversas (de mercado, ideológica, estatal, conforme cada caso ou sistema) , eis a complexa (com) fusão representada pelo estrelato, responsável por seu entendimento e trato tão precários por parte da crítica, dos próprios atores e das pessoas em geral.

Astros e estrelas são, pois, uma espécie de arautos e sacerdotes dos desígnios dos sistemas, ao mesmo tempo em que emprestam qualidades artísticas e valores humanos a uma heroicidade simbólica que, sem eles (astros e estrelas) , não permitiria a coincidência necessária – em comunicação – entre símbolo e verdade pessoal.

Sempre que o que está simbolizado encontra uma pessoa (ator) com graus de verdade pessoal conotada com os valores representados, dá-se o milagre da comunicação profunda (comunhão) . O estrelato é um carisma que contém esse dom. Por isso , ainda que sendo uma versão bonificadora do sistema produtor, é um valor que atua de forma independente e com fortes cargas de libertação e representação de elevados valores de vida.

10.Carisma e carismáticos: que energia é essa?

Leonardo Boff

Nestes tempos de campanha eleitoral, surgem figuras de todo tipo. Mas poucos são aqueles que irradiam energia contagiante, suscitam um novo imaginário e movem as massas. Esses são os portadores de carisma.

Carisma, carma, Crishna, Cristo, crisma e caritas possuem a mesma raiz sânscrita kri ou kir. Ela significa a energia cósmica que tudo acrisola e vitaliza, tudo penetra e rejuvenesce, força que faz atrair e fascinar os espíritos. A pessoa não possui um carisma. É possuída por ele. A pessoa, sem mérito pessoal nenhum, vê-se tomada por uma força que irradia sobre outras, fazendo que fiquem estupefactas; se estão falando, se calam, se estão se entretendo com alguma coisa, param para prestar atenção à pessoa carismática.

O carisma é algo surpreendente. Está nos seres humanos, mas não vem deles. Vem de algo mais alto e superior. Nietzsche conta que passeando pelos Alpes, era tomado por uma força que o fazia escrever. Era outro que se servia dele. Tomava seu canhenho e nele escreveu o melhor de suas intuições.

Os antropólogos introduziram um palavra tirada da cultura de Melanésia: o mana. A personalidade-mana irradia um poder extraordinário e irresistível que, sem violência, se impõe aos demais. Atrai, entusiasma, fascina, arrasta. É o equivalente de carisma na nossa tradição ocidental.

Quem são os carismáticos? No fundo, todos. A ninguém é negada essa força “cósmica” de presença e de atração. Todos carregamos algo das estrelas de onde viemos. A vida de cada um é chamada para brilhar, no dizer de um cantor. É carismática de uma forma ou de outra. José Martí, pensador cubano dos mais argutos da América Latina, bem dizia: “Há seres humanos que são como as estrelas: geram sua própria luz, enquanto outros refletem o brilho que recebem delas”. Alguns são Sol, outros, Lua. Ninguém está fora da luz, própria, ou refletida. Em fim, estamos todos na luz para brilhar.

Mas há carismáticos e carismáticos. Há alguns nos quais esta força de irradiação implode e explode. É como uma luz que se acende na noite. Atrai os olhares de todos.

Pode-se fazer desfilar todos os bispos e cardeais diante dos fiéis reunidos. Pode haver figuras impressionantes em inteligência, capacidade de administração, zelo apostólico. Mas o olhar de todos se fixa sobre Dom Helder Câmara enquanto estava ainda entre nós. Porque era portador eminente de carisma. A figura é irrisória. Parece o servo sofredor sem beleza e ornamento. Mas dele saía uma força de ternura unida ao vigor da palavra que se impunha suavemente a todos.

Muitos podem falar. E há bons oradores que atraem a atenção. Mas deixem o bispo emérito de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, falar. A voz é

rouca e às vezes quase desaparece. Mas nela há tanta força e tanto convencimento que as pessoas ficam boquiabertas. É a irrupção do carisma que faz de um bispo frágil e fraco parecer um gigante. E hoje quase não podendo falar por causa de forte Parkson, sua escrita ou seus poemas tem a força do fogo. É um exímio poeta.

Há políticos hábeis e grandes administradores. A maioria maneja o verbo com maestria. Mas façam o Lula subir à tribuna, diante das multidões. Começa baixinho, assume um tom narrativo, vai buscando a trilha melhor para a comunicação. E lentamente adquire força, as conexões surpreendentes irrompem, a argumentação ganha seu travejamento adequado, o volume de voz alcança altura, os olhos se incendeiam, os gestos ondulam a fala, num momento o corpo inteiro é comunicação, argumentação e comunhão com a multidão que de barulhenta passa a silenciosa e de silenciosa a petrificada para, num momento culminante, irromper em gritos e aplausos de entusiasmo. É o carisma fazendo sua irrupção. Pouco importa a opinião que pudermos fazer de seus 8 anos de governo. Nele não se pode negar a presença do carisma.

Não sem razão Max Weber, o grande estudioso do poder carismático, chamou-o de estado nascente. O carisma como que faz nascer, cada vez que irrompe, a criação do mundo na pessoa carismática, ou personalidade-mana. A função dos carismáticos é a de serem parteiros do carisma latente dentro das pessoas. Sua missão não é dominá-los com seu brilho, nem seduzi-los para que os sigam cegamente. Mas despertá-los da letargia do cotidiano. E, despertados, descobrirão que o cotidiano em sua platitude guarda segredos, novidades, energias ocultas que sempre podem acordar e conferir um novo sentido e brilho à vida, à nossa curta passagem por esse universo.

Que cada qual descubra a estrela que deixou sua luz e seu rastro dentro dele. E se for fiel à luz, brilhará e outros o perceberão com entusiasmo.

Leonardo Boff escreveu Meditação da luz, Vozes 2010

11. Território da alma humana (1)

Blog do Gutenberg - 09 MARÇO 2016

<http://blogdogutenberg.blogspot.com.br/2011/08/territorio-da-alma-humana-1.html>

Blog do Gutenberg: Território da alma humana (1)

[blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-1.ht...](http://blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-1.html) 24 de ago de 2011 - Não mais horizontal ou geográfica, mas verticalmente, penetrando os territórios da alma humana. A industrialização do espírito, segundo ..

Blog do Gutenberg: Território da alma humana (2)

[blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-2.ht...](http://blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-2.html)

-

25 de ago de 2011 - **Território da alma humana (2)**. A aparente quietude das HQs esconde a dinamicidade e a riqueza expressiva que saltam de suas páginas ...

[Blog do Gutenberg: Território da alma humana \(3\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-3.ht...

- 26 de ago de 2011 - **Território da alma humana (3)**. As histórias em quadrinhos apresentam-se como mídia financeiramente acessível, democrática e abrangente ...

[Blog do Gutenberg: Território da alma humana \(4\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/.../territorio-da-alma-humana-4_30.html

- 30 de ago de 2011 - **Território da alma humana (4)**. A imagem gráfica foi um dos primeiros e mais presente elemento para o estabelecimento de diferentes formas ...

[Blog do Gutenberg: Território da alma humana \(6\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-6.ht...

31 de ago de 2011 - **Território da alma humana (6)**. Todas essas nomenclaturas, definições e conceitos que tentam condenar o que são as HQs são uma prova de ...

[Blog do Gutenberg: Território da alma humana \(7\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-7.ht...

1 de set de 2011 - **Território da alma humana (7)**. Produtos típico da cultura de massa e, mais especificamente, da cultura jornalística, a história em quadrinhos, ...

[Blog do Gutenberg: Território da alma humana \(8\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2011/.../territorio-da-alma-humana-8.ht...

1 de set de 2011 - **Território da alma humana (8)**. Mas, ao contrário dos grandes mitos emanados das velhas religiões de culturas antigas, o público leitor sabia ...



Depois de embalar duas

grandes guerras, o século XX conheceu uma nova onda de colonização. Não mais horizontal ou geográfica, mas verticalmente, penetrando os territórios da alma humana. A industrialização do espírito, segundo Edgar Morin (2009, p.13), por meio do avanço tecnológico, se voltou para a organização do interior do homem, soterrando-o sob camadas de mercadorias culturais.

“...as palavras e imagens saíam aos borbotões dos teletipos, das rotativas, das películas, das fitas magnéticas, das antenas de rádio e de televisão; tudo que roda, navega, voa transporta jornais e revistas; não há uma molécula de ar que não vibre com as mensagens que um aparelho ou um gesto tornem logo audíveis e visíveis (...) Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente votado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. Não há dúvida de que o livro, o jornal eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial, nunca os murmúrios do mundo - antigamente suspiros de fantasmas, cochichos de fadas, anões e duendes, palavras de gênios e de deuses, hoje em dia músicas, palavras, filmes levados através de ondas - não haviam sido ao mesmo tempo fabricadas industrialmente e vendidas comercialmente. Essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo os ectoplasmas da humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma” (MORIN, 2009, p.13-14)



E desde a infância, o cidadão médio dessa sociedade de massa é inserido em uma sede de informações que mescla os mais diversos conteúdos, que são cuidadosamente elaborados para integrar diferentes categorias de consumidores aos meios de comunicação. E esse caráter emigra da imprensa para os outros meios. A maior parte das mercadorias que alimenta essa sociedade de massa associa palavras rápidas e sucintas a imagensuntuosas, fascinantes e dinâmicas.

As invenções técnicas foram necessárias para que a cultura industrial se tornasse possível. O crescimento de todo sistema industrial exigiu o máximo consumo para um público variado. E essa variedade é, ao mesmo tempo, sistematizada, homogeneizada. Assim a diversidade dos conteúdos foi homogeneizada. A maioria dos filmes, por exemplo, sincretiza temas múltiplos no seio dos grandes gêneros: num filme de aventura haverá amor e comicidade e num filme de amor haverá aventura e comicidade, assim como num filme cômico, haverá amor e aventura. Essa linguagem homogeneizada exprime esses temas.



O rádio tende ao sincretismo variando a série de canções e programas, mas o conjunto é homogeneizado no estilo da apresentação radiofônica. A grande imprensa, a revista ilustrada tendem ao sincretismo se esforçando por satisfazer toda gama de interesse.

Informa Morin: “No começo do século XX, as barreiras das classes sociais, das idades, do nível de educação delimitavam as zonas respectivas de cultura. A imprensa de opinião se diferenciava grandemente da imprensa de informação, a imprensa burguesa da imprensa popular, a imprensa séria da imprensa fácil. A literatura popular era solidamente estruturada segundo os modelos melodramáticos ou rocambulescos. A literatura infantil era rosa ou verde, romances para crianças quietas ou para imaginações viajantes. O cinema nascente era um espetáculo estrangeiro. Essas barreiras não estão abolidas. Novas estratificações foram formadas: uma imprensa feminina e uma imprensa infantil se desenvolvem depois de cinquenta anos e criam para si públicos específicos” (p.37). E conclui: “A cultura de massa é, portanto, o produto de uma dialética produção-consumo, no centro de uma dialética global que é a da sociedade em sua totalidade” (p.47).



Para concluir esse espírito do tempo onde a cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião, Morin assim afirma: “A contradição - a vitalidade e a fraqueza - da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais

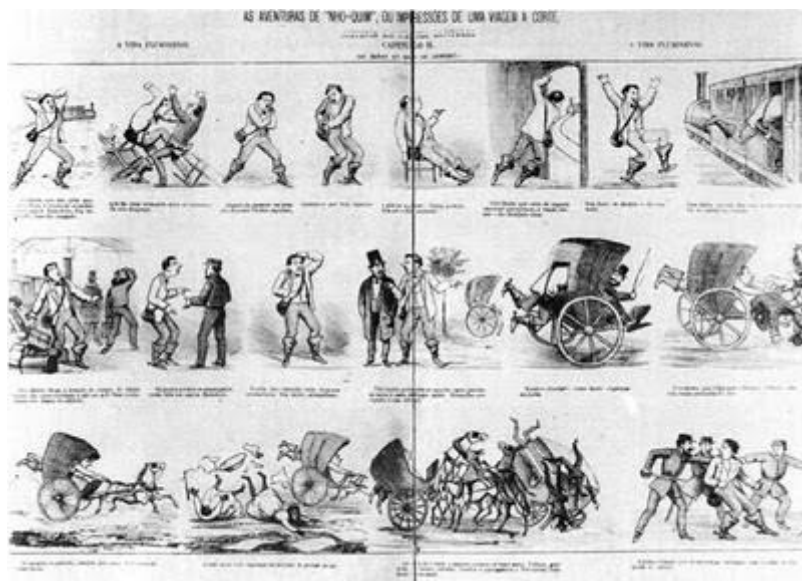
empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual”.

Assim a união entre o imaginário e o real é muito mais íntima do que nos mitos religiosos ou feéricos. O imaginário não se projeta no céu, fixa-se na terra. Os deuses (e os demônios) estão entre nós, são de nossa origem, são como nós mortais. Só não há resposta para as contradições da existência, estas estão em movimento, e esse movimento pode criar respostas, também em movimento.

29 AGOSTO 2011

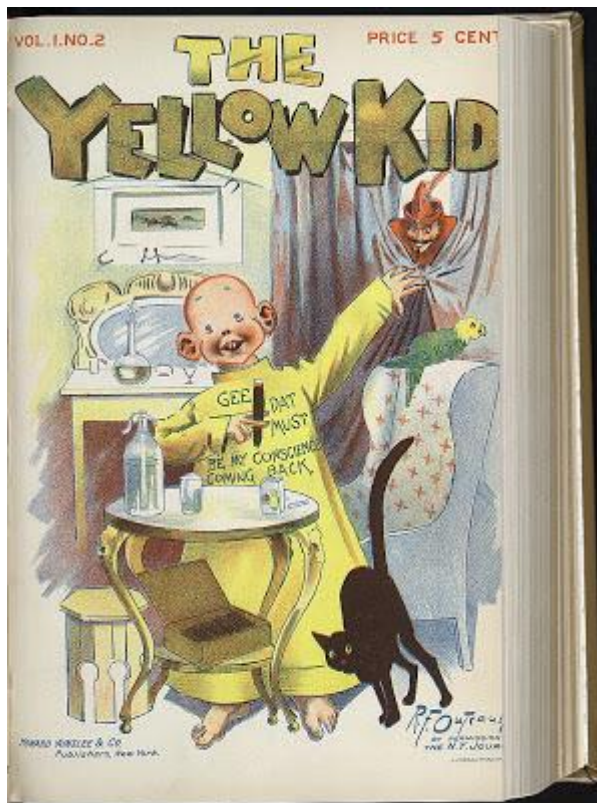
Território da alma humana (4)

A imagem gráfica foi um dos primeiros e mais presente elemento para o estabelecimento de diferentes formas de comunicação e registro narrativo da aventura humana. A pintura rupestre, presente até os nossos dias, é um exemplo das primeiras narrativas por sucessão de imagens (MOYA, 1970).



E em outro momento histórico, em que a comunicação já procedia de uma linguagem falada inteligível e codificada, o nascimento dos primeiros alfabetos reteve o caráter da imagem gráfica. Até os nossos dias, algumas culturas vivas preservam estas estruturas primordiais da escrita em alfabetos ideogramáticos, como é o caso da escrita do idioma chinês. A aproximação entre a escrita e a fala, contudo, foi essencial para a apropriação crescente da leitura como atividade cotidiana das populações, encaminhando sua democratização a constituir-se em um direito e patrimônio da humanidade.

A difusão das linguagens de matriz visual verbal continuou na Europa, nos séculos XVII e XVIII, como forma universal de comunicação impressa, o humor gráfico dá o próximo passo quando um imigrante italiano radicado no Brasil, Ângelo Agostini, lança a obra *As Aventuras de Nhô-Quim* em 1869, considerada a primeira história em quadrinhos do mundo por certos especialistas (RIANI, 2002, p.38). No entanto, para efeito de internacionalização da linguagem, o primeiro registro mundial fica com *Yellow Kid*, história em quadrinhos de autoria de Richard Felton Outcault, lançada em 1895 (MOYA, 2003, p.95).



Consolidando-se como linguagem da mídia na imprensa norte-americana do século XIX, a história em quadrinhos concentrou-se em conteúdos humorísticos e esteve inicialmente voltada para o público menos letrado, abordando com comicidade as mazelas do operariado, dos núcleos familiares de classe média e baixa, contemplando também a possibilidade do protagonismo feminino, de minorias sociais e étnicas. A distribuição destas primeiras HQs, denominadas na época comic strips (chamadas no Brasil de “tiras”) foram levadas dos EUA para o mundo por meio dos syndicates, que são até hoje organizações distribuidoras de notícias e material de entretenimento para jornais do mundo.

Além de difundir o trabalho de seus artistas gráficos, a distribuição sindicalizada dos quadrinhos norte-americanos colaborou, juntamente com o cinema, para a internacionalização de diversos elementos da cultura e formas de produção de bens culturais nesse país. A ampliação dos parques gráficos norte-americanos, aliado ao aprimoramento da linguagem das HQs, fez com que estes obtivessem um veículo próprio, uma publicação periódica chamada comic book (conhecido no Brasil como gibi).

O efeito de despertar o gosto pela leitura não se perdeu para as histórias em quadrinhos, segundo os especialistas, mesmo quando outras mídias foram crescendo nas vivências domésticas e comunitárias das pessoas, como o rádio, a televisão, o cinema e, mais recentemente, as mídias digitais e o advento da Internet. Uma das características que resgata as histórias em quadrinhos como componente geracional, ou seja, traço inerente à geração atual, é determinado pelas propriedades hibridizadas de sua linguagem, devido aos elementos semânticos de sua matriz visual verbal. Assim, a geração de jovens que cresceram sob a égide da informática se identifica com a mídia quadrinhística, sentindo-se atraída também pelas possibilidades que cada leitor tem de criar suas próprias narrativas por meio desta linguagem.

Em seu estudo sobre culturas híbridas, Nestor Garcia Canclini abordou dois “gêneros impuros: grafites e quadrinhos”: “São práticas que desde seu nascimento abandonaram o conceito de coleção patrimonial. Lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, aproximam o artesanal da produção industrial e da circulação massiva” (CANCLINI, p. 337)

E mostra a sua aliança inovadora, desde o final do século XIX, entre a cultura icônica e a literária. Participam da arte e do jornalismo, são a “literatura” mais lida, o ramo da indústria editorial que produz maiores lucros: “Poderíamos lembrar que as histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos. Contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas. Já se analisou como a fascinação de suas técnicas hibridizadoras levou Bourroughs, Cortazar e outros escritores cultos a empregar suas sínteses de vários gêneros, sua ‘linguagem heteroclita’ e a atração que suscita em públicos de várias classes, em todos os membros da família” (CANCLINI, p. 339).

Mais adiante Canclini informa: “Se a história em quadrinhos mistura gêneros artísticos prévios, se consegue que interajam personagens representativas da parte mais estável do mundo – o folclore –

com figuras literárias e dos meios massivos, se os introduz em épocas diversas, não faz mais que reproduzir o real, ou, melhor, não faz senão reproduzir as teatralizações da publicidade que nos convencem a comprar aquilo de que não precisamos, as ‘manifestações’ da religião, as ‘procissões’ da política” (CANCLINI, p. 345).

Quem desejar adquirir o livro *Bahia um Estado D’Alma*, sobre a cultura do nosso estado, a obra encontra-se à venda nas livrarias LDM (Piedade), Galeria do Livro (Boulevard 161 no Itaigara e no Espaço Cultural Itau Cinema Glauber Rocha na Praça Castro Alves), na Pérola Negra (ao lado da Escola de Teatro da UFBA, Canela) e na Midialouca (Rua das Laranjeiras, 28, Pelourinho. Tel: 3321-1596). E quem desejar ler o livro *Feras do Humor Baiano*, a obra encontra-se à venda no RV Cultura e Arte (Rua Barro Vermelho, 32, Rio Vermelho. Tel: 3347-4929).

12. A BELEZA SALVARÁ O MUNDO?

Paulo Timm - 19 de janeiro 2010

Recomenda o velho ditado que, se não tens nada a dizer, fiques calado. Afinal, se a fala é de prata, o calar é ouro fino. Conselho importante para se ter presente nas reuniões sociais, mas inviável para quem vive de fazer-se ouvir. Não falo do viver como instância material, mas como substância existencial, sem a qual um escritor, poeta, romancista ou cronista se exila de si e morre de inanição. Mas o que dizer diante de tanta miséria humana, exposta aos olhos do mundo na tragédia do Haiti? Como compatibilizar uma consciência iluminista com a vitória de um aliado de Pinochet no Chile? Dá para suportar a edição de mais um Big Brother Brasil na Rede Globo, sobre o qual convergirão os indicadores de audiência, estimulando as outras redes com programas similares?

Não sei não...Folheio livros, releio meus arquivos eletrônicos, verdadeiro portafólio de minhas leituras diárias, arrisco-me a comentar uma entrevista de William Faulkner na qual ele abre o jogo sobre o segredo dramático de seus romances... Querem saber?

Trata-se da trindade da consciência. Uma “santíssima trindade” laica que iria influenciar gerações inteiras de escritores, chegando até nosso imortal Gabriel Garcia Marques, que nele se inspirou. Os romances de Faulkner, segundo ele, giram em torno de três personagens-chaves, detentores de três tipos de consciência: os que nada sabem – e porque não sabem, pouco se importam e nada fazem -; os que sabem e não se importam – que são os cínicos- , que locupletam nosso universo político; e os que sabem e se importam – que são os que carregam as mazelas do mundo, Zilda Arns entre eles, como outrora Luther King e tantos outros abnegados. Com base nesses personagens Faulkner diz que o escritor está sempre tentando criar “pessoas verossímeis em situações comoventes e críveis, da maneira mais comovente” de forma a expor a vida em movimento, pois é no movimento da

vida que as pessoas vivem. A vida é movimento, diz ele, e o movimento está ligado ao que faz com que o homem se mova , que é a ambição, o poder , o prazer”. E adverte: “Qualquer tempo em que um Homem possa dedicar à moralidade ele tem que arrancar à força do movimento do qual faz parte. Sua consciência moral é a maldição que ele tem que aceitar dos deuses de modo a obter deles o direito de sonhar.”

Me pergunto: Alguém tem culpa pelo que ocorre no Haiti? Quem sabia e nada fez para mudar o curso de um destino trágico? Quem sabia, tentou fazer e não conseguiu? E não pergunto pelos que nem sabiam e nada fizeram, porque deles é Reino de Deus...Basta-lhes a felicidade do simples jogo da vida, escapando-lhes o direito de sonhar...E quanto ao Chile, de quem é a culpa pela vitória de Piñeros? E como o mundo civilizado permite reedições sistemáticas do Big Brother por todos os seus países...?

Volto ao Romance. Nele me refugio. Com efeito, ainda não se conseguiu, mesmo com o desenvolvimento considerável das Ciências Humanas no Século XX, nada comparável ao Romance como Teoria da Existência Humana. E , assim, continuamos no pólo da sensibilidade, antena da beleza, para entender o Homem. Mas por que , então, tanto (esforço) à verdade e tão pouco à beleza se ela, a verdade, é tão inatingível? Leon Tolstoi alimentou tantos sonhos em sucessivas gerações russas para, afinal, confiná-las, sob o condomínio da verdade administrada pelo marxismo soviético, à depressão dos Gulags. Dostoiewski, no seu encalço, acreditava que só a beleza salvaria o mundo. E apostou nisso criando as mais belas páginas de literatura mundial. Salvou alguma coisa? Ou , simplesmente, não conseguiu sensibilizar aquele maravilhoso povo , suficientemente, para o primado da beleza sobre a verdade...?

Sempre o Romance... Tecendo o fio de existências humanas grandiosas mas incompletas, sem direito à História, cativa da razão.

Longe da nossa tradição ocidental, marcada por Shakespeare, e o corolário de romancistas , desde Crétien de Troyers, com Lancelot e Tomas Malory, no Sec. XV, passando no século seguinte aos épicos de Cervantes , Mme. Lafaeyete e Daniel Defoe, para fechar-se num prodigioso ciclo de “folhetins” inaugurado por Goethe, em 1796, com o histórico “Os anos de aprendizagem de W. Meister, seguido dos grandes “fleuves” de Honoré de Balzac – “A Comédia Humana” e Émile Zola – Rougon Marquart , num imenso fluxo que desembocaria no início do século XX em James Joyce, Romain Rolland, Roger Martin Du Gard e Sartre, Milan Kundera nos fala dos formadores de consciências do lado oriental da Europa, evidenciando também sua importância para este, que foi o memorável autor da “Insustentável leveza do (de) ser”:

“Musil e Hermann Brock sobrecarregaram o homem com responsabilidades enormes. Eles o viam como a suprema síntese intelectual. O último lugar onde o homem ainda questiona o mundo como um todo. Estavam convencidos de que o romance tinha um tremendo poder sintético, que ele podia ser fantasia, aforismo e ensaio. Tudo ao mesmo tempo. O objeto específico daquilo que Brock gostava de chamar “conhecimento novelístico” é a EXISTÊNCIA. A meu ver, a palavra “poli-histórico” deve ser definida como **AQUILO QUE REUNE TODO ARTIFÍCIO E TODA FORMA DE CONHECIMENTO DE MODO A LANÇAR LUZ SOBRE A EXISTÊNCIA**”.

Será que as novas gerações estão lendo esses autores com a mesma sofreguidão com que nós o fazíamos. E descobrindo o universo da natureza com os livros equivalentes de Julio Verne, H.G.Wells, Arthur Clarck, Atthr Koestler? Ou estão apenas embalados na fantasmagoria de Harry Potter e Paulo Coelho?

Não sei...

Mas pelo sim, pelo não, vale a pena insistir na beleza como caminho da salvação, senão do mundo, dos nossos pobres espíritos massacrados por tantas e sucessivas verdades. E quem sabe o espírito reanimado não seja o caminho da reconciliação. “Minha pátria é minha língua”, insistia Fernando Pessoa, deleitando-se com as palavras que dançavam nos seus versos propiciando-lhe momentos de verdadeiro êxtase. As “Cartas a um Jovem Poeta”, de Rainer Maria Rilke são igualmente comoventes e nos ajudam a suportar o delírio de um mundo insano, predispondo-nos, quem sabe à ação. Entrego-me a elas e a elas lhes convido, num rápido passeio sobre as que me parecem suas mais belas passagens:

CARTAS A UM JOVEM POETA

1 – Paris, 17 de fevereiro de 1903

Não há senão um caminho: Procure entrar em si mesmo

Não escreva poesias de amor, relate suas mágoas e seus desejos

Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças

Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo. Volte a atenção para sua infância.

Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade

O criador... deve ser um mundo para si mesmo e encontrar tudo em si e nessa natureza a que se aliou.

2 – Viareggio, 5 de abril de 1903

Toda uma constelação de eventos se deve reunir para que uma única vez se alcance um resultado feliz.

*Não se deixe dominar pela ironia, sobretudo em momentos estéreis. Nos momentos criadores procure servir-se dela , como de mais um meio para agarrar a vida. Utilizada com pureza, ela também é pura e não nos deve envergonhar. Ao verificar porém, que se familiariza demais com ela , temendo uma intimidade excessiva, volte-se para objetos grandes e graves, diante dos quais ela se encolhe desajeitada. **BUSQUE O ÂMAGO DAS COISAS ONDE A IRONIA NUNCA DESCE***

3 – Viareggio, 23 de abril de 1903

O próprio destino é como um amplo e admirável tecido em que dedos de infinita ternura conduzem cada fio, colocando-o entre os demais, fixando-o a cem outros que o sustentam.

*As obras de arte são de uma infinita solidão; nada as pode alcançar tão pouco quanto a crítica. Só o amor as pode compreender e manter e mostrar-se justo com elas .**É sempre ao seu sentimento que deve dar razão.***

Deixar amadurecer inteiramente , no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu própria intelecto, cada impressão, cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade.

Ser artista não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore que não apressa a sua seiva.

Aprendo-o diariamente no meio das dores a que sou agradecido: a paciência é tudo.

A experiência artística está tão incrivelmente perto da experiência sexual no sofrimento e no gozo que os dois fenômenos não são senão formas diversas da mesma saudade e da mesma bem-aventurança.

4 – De passagem por Worpswede, 16 de julho de 1903

Creio, contudo, que o (...) não deixará de encontrar uma solução , se agarrar a coisas que se assemelham a si , como as que agora dão repouso aos meus olhos. Se se agarrar `a natureza, ao que ela tem de simples, `a miudeza que quase ninguém vê e que tão inesperadamente se pode tornar grande e incomensurável ; **se possuir este amor ao insignificante; se procurar singelamente ganhar como um servidor de confiança daquele que parecer pobre – então tudo se lhe há de tornar fácil, harmonioso e, por assim dizer, reconciliador, não talvez do intelecto, que fica atras espantado, mas sim na sua mais íntima consciência, que vigia e sabe.**

A carne é um peso difícil de se carregar.

A criação intelectual, com efeito, provém também da criação carnal. É da mesma essência; é apenas uma repetição silenciosa, enlevada e eterna da volúpia do corpo. Numa idéia criadora revivem mil noites de amor esquecidas que a encham de altivez e altitude.

Sobre a base do acaso que parece cumprir-se nesse abraço, acorda a lei que faz que um germe forte e poderoso avance até que o óvulo que vem aberto a seu encontro. Não se deixe enganar pela superfície:- nas profundidades tudo se torna lei.

. Por isso, caro senhor, ame a sua solidão e carregue com queixas harmoniosas a dor que lhe causa. Diz que os que sente próximos estão longe. Isto mostra que começa a fazer-se espaço em redor de si. Se o próximo lhe parece longe, os seus longes alcançam as estrelas, são imensos

. Mas a sua solidão há de dar-lhe, mesmo entre condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos. Todos os seus desejos estão prontos a acompanhá-lo e minha confiança está consigo.

5-Roma , 29 de outubro de 1903

Há muita beleza aqui, porque há beleza em toda parte.

6-Roma, 23 de dezembro de 1903

Ao verificar que sua solidão é grande, alegre-se com isto

Há uma solidão só: é grande e difícil de se carregar

O que se torna preciso, é ... isto: solidão, uma grande solidão interior. Entrar em si mesmo , não encontrar ninguém durante horas – eis o que se deve saber alcançar.

O que importa apenas, é prestar atenção ao que nasce dentro de si e colocá-lo acima de tudo o que observar ao redor.

Os seus acontecimentos interiores merecem todo seu amor,; neles de certa maneira deve trabalhar e não perder demasiado tempo e coragem em esclarecer suas relações com os homens.

A posição em que agora deve viver não é mais carregada de convenções, preconceitos e erros do que todas as outras.

O solitário é como uma coisa submetida às profundas leis.

Não tendo nenhuma comunhão com os homens, procure ficar perto das coisas, que não o abandonarão.*Ainda há as noites e os ventos que passam pelas árvores e percorrem muitos países.*

Que sentido teria a nossa vida se Aquele a que aspiramos já tivesse sido.

Como as abelhas reúnem o mel, assim nós tiramos o que há de mais doce em tudo para o construirmos.

7- Roma, 14 de maio de 1904

Não se deve deixar enganar em sua solidão, por existir algo em si que deseja sair dela

Tudo na natureza cresce e se defende segundo a sua maneira de ser; e faz-se coisa própria nascida de si mesma e procura sê-lo a qualquer preço e contra qualquer resistência.

Sabemos pouca coisa, mas que temos de nos agarrar ao difícil e uma certeza que não nos abandonará.

E bom estar só porque a solidão é difícil

O fato de uma coisa ser difícil deve ser um motivo a mais para que seja feita.

Amar também é bom: porque o amor é difícil

O amor de duas criaturas humanas talvez seja a tarefa mais difícil que nos foi imposta, a maior e última prova, a obra para a qual todas as outras são apenas uma preparação.

O amor, antes de tudo, não é o que se chama entregar-se, confundir-se, unir-se a outra pessoa.

O amor é uma ocasião sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo em si mesmo, tornar-se um mundo para si, por causa de um outro ser; é uma grande e ilimitada exigência que se lhe faz, um escolha e um chamado para longe.

8-Borgeby Gard, Flãdie, Suécia, 12 de agosto de 1904

Perigosas e más são apenas as tristezas que levamos por entre os homens para abafar a sua voz.

Se nos fosse possível ver além dos limites de nosso saber e um pouco além da obra de preparação de nossos pressentimentos, talvez suportássemos nossas tristezas com maior confiança que nossas alegrias. São, com efeito, esses os momentos em que algo de novo entra em nós, algo de ignoto: nossos sentimentos emudecem com embaraçosa timidez, tudo em nós recua, levanta-se um silêncio e a novidade, que ninguém conhece, se ergue aí, calada, no meio.

Por isto é importante estar só e atento quando se está triste.

Não se observe demais. Não tire conclusões demasiadamente apressadas do que lhe acontece. Deixe as coisas acontecerem.

.

8 - Furugborg, Jonsered, Suécia, 4 de novembro de 1904

Acredite-me: a vida tem razão em todos os casos.

*Quanto aos sentimentos: São puros todos aqueles que o senhor concentra e guarda;
impuros os que agarram só um lado de seu ser e o deformam.*

Tudo o que pode pensar a respeito de sua infância é bom.

Tudo o que o torna algo mais do que foi até agora em suas melhores horas é bom.

*Toda intensificação é boa, quando está em todo o seu sangue, quando não é turva
ebriedade, mas alegria cujo fundo se vê.*

9 – Paris, dia seguinte ao Natal de 1908

*A arte também é apenas uma maneira de viver. A gente pode preparar-se para ela
sem o saber, vivendo de qualquer forma. Em tudo o que é verdadeiro, está-se mais
perto dela do que nas falsas profissões meio-artísticas. Estas, dando a ilusão de uma
proximidade da arte praticamente negam e atacam a existência de qualquer arte.*

*Assim o faz, mais ou menos, todo jornalismo, quase toda a crítica e três quartos
daquilo que se chama literatura.*

—

13. Sedução do mito

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2008/03/seduo-do-mito.html>

12 MARÇO 2008



O drama do mito tem no herói, desde tempos imemoráveis, o personagem principal. É impossível pensar a mitologia sem o heroísmo, porque se entrelaçam e se confundem naquilo que podemos definir como transcendência do Eu. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo. Mas é bom lembrar essa frase: “Basta um instante para fazer um herói, mas precisa-se de uma vida inteira para fazer um homem do bem”. Os deuses gregos nasceram enraizados em reações humanas diante da vida. Seres carniais, seu comportamento ainda sobrevive na cultura moderna e permanecem vivos exatamente porque são mitos criados à semelhança de seu criador: o homem.

No princípio, era o Caos. O Caos engendrou o Érebro, as trevas infernais, a noite, o dia e o éter, o céu superior. Depois veio Géia, a Terra, e Eros, o Amor. De Géia, nasceu Urano, o céu. E de Géia e Urano surgiu a primeira geração divina da mitologia grega. Nunca se viu mitologia tão humana como a grega. Tão humana que os deuses frequentemente desciam do Olimpo para se intrometer na vida dos mortais, quando não para se entregar a eles.

Hermes, por exemplo, capaz de atravessar o espaço repentinamente, graças às suas sandálias aladas, é o Superman de hoje (ou o Flash, o homem relâmpago, para ser mais preciso). E Afrodite, exuberante, que encarna a fecundidade, mas também o erotismo, um tipo de Marilyn Monroe ou Catherine Deneuve do cinema. A mitologia era a projeção, na tela do céu, da imaginação, dos desejos e dos temores dos gregos. Os combates do Olimpo refletiam fielmente as rivalidades reais entre as cidades. Segundo as lendas, cada cidade possuía seu deus fundador. Zeus (senhor do raio e do trovão) é originário de Creta; Dionísio (deus da força vital), da Trácia; Afrodite (deusa do amor), de Rodas; Artemis (deusa da caça), de Esparta. Os habitantes dessas cidades consideravam os deuses como seus longínquos ancestrais. Assim deuses e humanos são quase a mesma família.

A figura do herói fascina o cidadão comum. Com ele nos transportamos para um mundo mágico, onde as soluções dependem desse ser encantado. Na Antiguidade, o herói era

cantado em prosa e verso (Ilíada, Odisséia). A mitologia grega era povoada de herói (Aquiles, Heracles, Ulisses). Mas todas as culturas tiveram ou têm os seus heróis e seu significado é modelo exemplar para a sua comunidade. E mesmo na mitologia, o herói nem sempre é perfeito. Heracles matou os próprios filhos. Teseu abandonou Ariadne que o havia ajudado a percorrer o Labirinto.

Há heróis da pátria (Tiradentes, Bolívar, Bonaparte) que merecem um lugar no panteão, há outros que são produtos de biógrafos e historiadores. São alguns dos homens públicos que acabam recebendo coroa de louros nas páginas da História porque tiveram enriquecimento ilícito de parentes ou propina das empreiteiras. É do poeta Jean Cocteau esta convicção: “A História prefere a Mitologia, porque a História parte da verdade e ruma em direção à mentira; a Mitologia parte da mentira e se aproxima da verdade”. E o que dizer do anti-herói? O sem nenhum caráter Macunaíma, de Mário de Andrade, ou do herói bandido como Robin Hood nos bosques de Sherwood, Giuliano nas montanhas da Sicília ou Lúcio Flávio nos morros do Rio. Tem ainda os heróis trágicos, os mártires como Saco e Vanzetti do movimento comunista, Joana D’Arc, Maria Quitéria entre outros.

Sabemos apenas que nos dias de hoje os heróis mitológicos foram substituídos pelos heróis da moderna ficção: cinema, televisão, histórias em quadrinhos e videogame. Os do cinema são mais perenes (por graças aos mitos criados pelo celulóide que a arte cinematográfica construiu a ponto que faz com que o mundo bidimensional da tela e o tridimensional do espectador entrem em confluência), enquanto os da TV são mais voláteis, têm vida curta. Gary Cooper, Errol Flynn, Greta Garbo, Claudia Cardinale, Brigitte Bardot encantaram gerações e gerações, agora os tempos são outros e a TV vai competir com o cinema mas sem a mesma capacidade de sedimentar a figura do herói. A TV fabrica mitos e os devora. Já nas histórias em quadrinhos os super-heróis continuam imbatíveis. Abrangendo um público que vai da criança ao adulto, o culto é de encantamento. Por isso o cinema e a TV estão sempre aproximando os mitos dos quadrinhos para permanecerem atuais e atingir o grande público.

O poder dos sentidos

[Blog do Gutenberg: O poder dos cinco sentidos \(1\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2006/.../o-poder-dos-cinco-sentidos-1.htm...

14 de ago de 2006 - O poder dos **cinco sentidos** (1). Ciclo é uma palavra de apenas cinco letras mas muitos significados. No dia a dia vivemos muitos ciclos.

[Blog do Gutenberg: O poder dos cinco sentidos \(2\)](#)

blogdogutenberg.blogspot.com/2013/.../o-poder-dos-cinco-sentidos-2.h...

14 de mai de 2013 - O poder dos **cinco sentidos** (2). As maneiras que usamos para deliciar nossos sentidos variam de cultura para cultura. Nossos sentidos

Blog do Gutemberg: O poder dos cinco sentidos (3)

blogdogutemberg.blogspot.com/2013/.../o-poder-dos-cinco-sentidos-3.h...

15 de mai de 2013 - O tato é o nosso **sentido** mais essencial. É o **sentido** que apresenta funções e qualidades únicas, mas que, frequentemente se combina com ..

O poder dos cinco sentidos (1)

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2006/08/o-poder-dos-cinco-sentidos-1.html>

14 AGOSTO 2006



Ciclo é uma palavra de apenas cinco letras mas muitos significados. No dia a dia vivemos muitos ciclos. A semana, o ano, os meses de gestação, tudo em ciclo. A inspiração e a expiração completa um ciclo que nos mantêm vivos. Em todas as áreas do conhecimento há significados próprios para o ciclo. Os ciclos indicam o fim de uma fase, quando uma termina a outra já começou. Não é o fim de tudo, é o recomeço perene. A idéia do círculo, quer dizer ciclo, simboliza a perfeição exatamente por não ter nem começo e nem fim. A grandeza e importância dos ciclos medem-se pela intensidade dos sentimentos. É esta intensidade que marca o valor das experiências e que nos modifica permanecendo como progresso conseguido.

Na sabedoria chinesa, todo ano a primavera se repete como um a das estações, mas as flores são sempre novas, outras. Se alguém vive bem a experiência de um ciclo, torna-se apto a viver ainda melhor o próximo porque aproveitou e aprendeu com o que viveu na fase anterior. Viver inconseqüente equivale a não ter vivido, não acumulou vivência. A consciência leva a compreensão. Afinal, estar vivo é estar consciente. Se o ciclo não trazer uma consciência do que fazer de nada nos valerá para o próximo.

As transformações conseguidas num ciclo de experiências vão reorganizar as energias para o próximo ciclo de vida. Assim, a espiral da vida é um momento circular que vamos ascendendo, crescendo na compreensão da vida pelas experiências vividas. O sol, a lua, os elementos da natureza, as estações do ano, o dia e a noite, as horas, todos os seres, tudo está relacionado, nada é separado. E o universo é regido por dois princípios, duas energias opostas e complementares a que chamam de Yin e Yang. Yin é tudo que se concentra, que está no interior, que converge para o centro, que resfria e pacifica.

Yang é tudo o que se expande, se movimenta, aparece e dinamiza. Yin é a energia materializada e Yang é a energia fluída. Yin é a terra, Yang o céu. Yin o escuro, noite, frio, interior. Yang é céu, dia, calor, exterior. Yin é água, Yang fogo. Yin o universo, a lua e a noite. Yang é o verão, sol e o sal. Yin é o conservador, Yang o inovador. Yin é a mulher, Yang o homem, Yin é a intuição e Yang racionalidade. Para cada qualidade Yin, você encontrará uma oposta e complementar Yang. Tanto Yin quanto Yang são necessários.

Para os chineses, entre a água (Yin) e o fogo (Yang) existe a madeira, a terra e o metal. Assim Yin e Yang que são dois se tornam cinco. Na natureza cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água), relacionados a cinco direções (leste, norte, centro, oeste e sul), relacionados a cinco estações do ano: primavera, verão, canícula (os últimos 18 dias de cada estação), outono e inverno. Cada estação apresenta um dos cinco fatores climáticos: vento, calor, umidade, secura e frio. E na natureza prevalecem cinco cores: verde, vermelho, amarelo, branco e preto. Também são cinco as fases da vida: nascimento, desenvolvimento e crescimento, vida adulta, velhice e morte.

São cinco os órgãos internos do ser humano (fígado, coração, baço, pulmão e rim), cinco as vísceras complementares (vesícula biliar, intestino delgado, estômago, intestino grosso e bexiga), cinco os órgãos dos sentidos (olhos, língua, boca, nariz e ouvidos), cinco os tipos de tecidos (tendões, vasos, músculos, pele e ossos), cinco os sabores (ácido, amargo, doce, picante e salgado) e cinco as emoções relativas ao desequilíbrio de cada órgão (raiva, euforia, preocupação, tristeza e medo).

O homem, “por meio dos sentidos, suspeita o mundo” (como diz o poeta Bartolomeu Campos de Queirós, Os cinco sentidos), simboliza, se expressa,

diz para si mesmo e para o outro. Nossos sentidos não apenas percebem e enviam sinais nervosos para o cérebro, mas dão significados ao que nos cerca, criam, transformam, estabelecem relações, revelam, mostram e se comunicam. Com os olhos, olhamos a vida, imaginamos, acordamos sentimentos, criamos imagens. O olfato e o sabor despertam a memória, fazem o pensamento ir longe entre cheiros e sabores da história individual e coletiva. Com os ouvidos escutamos os sons e os silêncios dos nossos interlocutores e do mundo, nos encantamos e inventamos novos ritmos e melodias.

A pele envolvendo o corpo inteiro, estremece, se arrepia, toca e é tocada, dança, chora, ri, registra e se deixa registrar. Assim, “por meio dos sentidos suspeitamos o mundo”, o recriamos e o damos à compreensão do outro. Todos os sentidos participam de cada linguagem, inclusive o sexto sentido, o que nos faz suspeitar, pois, como revela o filósofo e crítico da modernidade Walter Benjamin, a clarividência, o extra-sensorial estão presentes na linguagem.

O poder dos cinco sentidos (2)

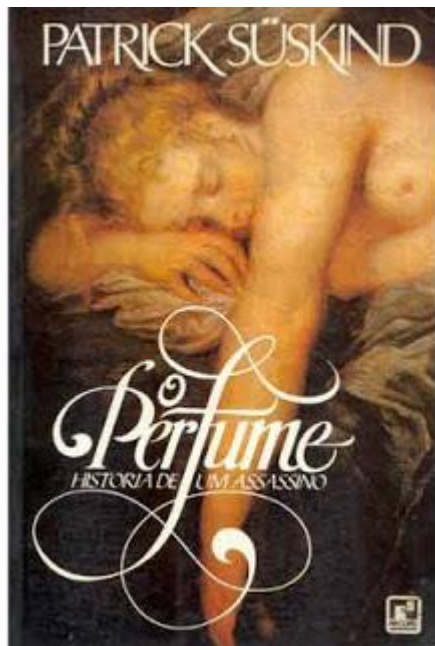
<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2013/05/o-poder-dos-cinco-sentidos-2.html>

14 MAIO 2013

As maneiras que usamos para deliciar nossos sentidos variam de cultura para cultura. Nossos sentidos transpõem o tempo. Eles nos ligam intimamente ao passado com mais intensidade do que nossas ideias. Vivemos atados por nossos sentidos. Ao mesmo tempo em que nos fazem crescer, eles nos limitam e cerceiam. Temos a necessidade de criar obras de arte para aprimorar nossos sentidos e aumentar as sensações do mundo que nos cerca, para que nós possamos deliciar mais com os espetáculos da vida. Vamos comentar neste segundo artigo de dois importantes sentidos para nossas vidas: a visão e o olfato. O primeiro torna-se mais densamente mais rico quando o percebemos com os olhos, e o poder do olfato sempre foi assunto de povos de todas as culturas.



Vamos começar pelos olhos. Os olhos continuam sendo os grandes monopolizadores de nossos sentidos. Cerca de 70% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos, e é principalmente por meio da visão do mundo que o podemos julgar e entender. Nossa linguagem está baseada nas imagens. Sem a luz e sem a água a vida existiria? A luz afeta nossos estados de espírito, acelera os hormônios, detona nosso ritmo. Durante as estações em que prevalece a escuridão nas latitudes do norte, aumentam os índices de suicídios, a insanidade surge em vários lares e o alcoolismo torna-se uma constante. Uma característica de nossa espécie é a habilidade de adaptarmo-nos ao ambiente e também de mudá-lo para servir-nos melhor. Quando queremos iluminar o mundo em torno de nós, construímos lâmpadas. Nossas pupilas aumentam naturalmente quando estamos entusiasmados ou excitados.



Há muitas maneiras de ver. O esforço para enxergar projeta uma visão diferente de tudo e de todos. Às vezes as sombras desenham imagens que distorcem a verdade das coisas e das pessoas. E também a visão direta da claridade, sem acostumar os olhos, cegava. Para enxergar bem, é preciso olhar profundamente e isso faz descobrir novas formas e significados e até mesmo outras visões. Os olhos que tudo vêem, não vêem a si mesmos, têm que se adaptar ao desejo de quem olha.

Já os odores detonam suavemente nossas memórias. Basta percebermos um aroma, e as lembranças explodem todas imediatamente. O olfato é o sentido mudo, o que não tem palavras. Vemos somente quando existe luz suficiente, degustamos o paladar quando colocamos coisas na boca, sentimos apenas quando tocamos alguém ou alguma coisa, ouvimos somente quando os sons são audíveis. Mas cheiramos o tempo inteiro, sempre que respiramos. Se cobrirmos os olhos, deixaremos de ver, se taparmos as orelhas, deixaremos de ouvir, mas se bloquearmos o nariz para não sentir mais cheiros, morreremos. “Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas”, escreveu Patrick Süskind no romance *O Perfume*.

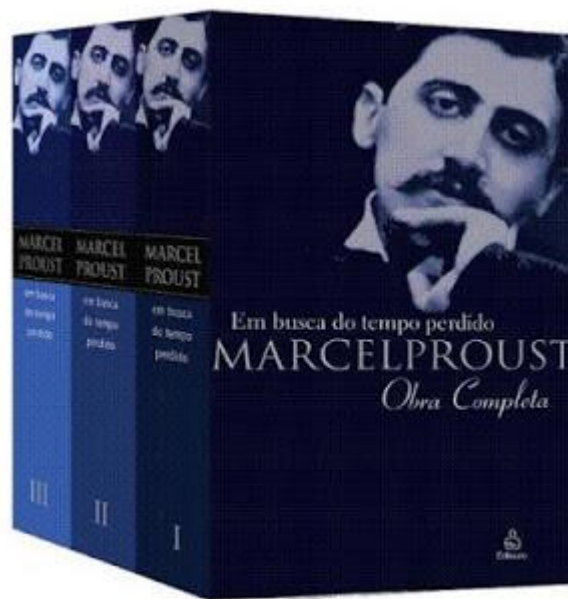


O olfato está intimamente ligado às emoções, à memória, além de influenciar seu bem-estar, sua imaginação e personalidade. O olfato tem ligação com nosso subconsciente. Os nervos olfativos se ligam com a gente do cérebro que regula a atividade sensório-motora, o sistema límbico. Esta região cerebral é responsável pelos impulsos primitivos de sexo, fome e sede e afeta diretamente o comportamento emocional.



Os cheiros compõem um alfabeto e linguagem particular que têm o poder de provocar reações específicas no corpo e na psique. Assim atingem os mais profundos cantinhos da alma, muitas vezes desconhecidos. Muitos artistas procuram sensações olfativas para estimular a criatividade. Segundo Jean Jacques Rousseau o sentido do olfato é a própria imaginação. O aroma de um pedaço de bolo e uma xícara de chá

inspiraram Marcel Proust a descrever, em uma das maiores obras primas da literatura, a recordação infantil de comer bolinhos chamados “madeleines”. O olfato é um sentido muitas vezes menosprezado pela cultura excessivamente visual da atualidade. Os cheiros envolvem-nos, giram ao nosso redor, entram em nossos corpos, emanam de nós. Vivemos em constante banho de odores. O olfato é o mais direto de nossos sentidos. Cada um de nós possui suas próprias memórias aromáticas. O olfato foi o primeiro de nossos sentidos a se desenvolver. Pensamos



porque cheiramos.

A cegueira não é empecilho para que o herói do gibi como Demolidor faça justiça. Quem é deveras cego? Pergunta José Saramago (Cia das Letras) no “Ensaio sobre a Cegueira”. Já João Vicente Ganzarolli de Oliveira (Revan) explicita como o belo é concebido pelo cego em “Do Essencial Invisível”. Em “O Perfume, História de um Assassino” (Record), Patrick Suskind busca a fórmula de um perfume ideal, num mundo descrito por odores, enquanto que o poeta Chales Baudelaire em vários poemas do “Flores do Mal”, traz a sinestesia, trabalha muito com o olfato. Isso sem falar na obra maior de Marcel Proust, “Em Buscas do Tempo Perdido”, no qual o odor de uma madeleine no chá traz à tona recordações de infância, inspirou pesquisadores ingleses a investigar a relação olfato-memória, que foi batizada de “proustian phenomena”. O terceiro e último desses artigos sobre sentidos vamos conhecer o tato, o paladar e a audição.

O poder dos cinco sentidos (3)

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2013/05/o-poder-dos-cinco-sentidos-3.html>

15 MAIO 2013

O tato é o nosso sentido mais essencial. É o sentido que apresenta funções e qualidades únicas, mas que, frequentemente se combina com os outros. Afeta todo o organismo, assim como sua cultura e os indivíduos com quem entre em contato. O órgão é a pele que se estende por todo o corpo. Se o tato não fosse uma sensação gostosa, não existiria as espécies, as famílias ou a sobrevivência. Se não gostássemos da sensação de tocar e acariciar as outras pessoas, o sexo não existiria. O tato é a chave da sobrevivência. É o primeiro sentido que se desenvolve no feto e, em uma criança recém-nascida, é automático, sugerindo até mesmo antes que os olhos se abram ou que o bebê comece a ter consciência do mundo que o cerca. Logo depois do nascimento, apesar de não enxergar ou falar, começamos instintivamente a tocar.



O tato ensina-nos que a vida tem profundidade e contornos; faz com que sintam os o mundo e nós mesmos tridimensionalmente. Sem esse intrincado conhecimento do mundo, não existiriam os artistas, cuja habilidade é fazer mapas sensoriais e emocionais. O sexo é a intimidade em seu grau mais elevado, é o tato em seu mais alto nível. No beijo penetramos a pele um do outro e a mente e o corpo se ativam com deliciosas sensações. Mas o primeiro toque que os namorados trocam, geralmente, é nas mãos. Ou o aperto de mão que continua sendo um a espécie de contrato ou cumprimento comum. O tato é tão importante em situações emocionais que somos levados a tocarmos da maneira que gostaríamos que os outros nos consolassem. As mãos são as mensagens da emoção. O tato é veículo de cura tão poderoso que muitas vezes usamos os profissionais do toque (médicos, cabeleireiros, massagistas,

etc). Quando não existe o toque, surge nosso verdadeiro isolamento. O contato aquece nossas vidas.



Na hierarquia dos sentidos, o gosto ocupa o primeiro posto na fase inicial de cada biografia. A primeira interpretação humana é que a criança estabelece ao chupar as coisas. O sábio (palavra de maior prestígio intelectual e humano até há poucos séculos) é o homem que entende de sabores, que sabe a quem sabe as coisas e o que significa isso.

O paladar é sentido íntimo. Não podemos sentir gosto a distância. E o gosto que sentimos das coisas, assim como a composição exata de nossa saliva, pode ser tão individual quanto nossas impressões digitais. Ao longo da história e em muitas culturas, o paladar, ou gosto, sempre teve duplo sentido. Paladar é sempre julgamento ou teste. As pessoas que têm bom gosto são aquelas que apreciam a vida de maneira intensamente pessoal, descobrindo sua parte sublime; o resto não tem gosto. Uma coisa de mau gosto é tida como obscena ou vulgar.

Todas as culturas usam o alimento com o sinal de aprovação ou comemoração. Precisamos comer para viver, da mesma maneira que precisamos respirar. Mas o ato da respiração é involuntário, e a busca da comida não,

exige energia e planejamento, para nos obrigar a abandonar nosso torpor natural. Sair de casa pela manhã, ir para o trabalho são para “ganhar o pão de cada dia”, ou, se preferirmos, “merecermos nosso sal”, de onde vem a palavra salário.



A fome sexual e a física sempre estiveram interligadas. Qualquer alimento pode ser julgado afrodisíaco. Aqueles com formas fálicas, como cenouras, pepinos, pickles, bananas e aspargos, sempre foram julgados afrodisíacos durante algum período, assim como as ostras e os figos, que lembram os órgãos genitais femininos.

A audição é o quinto sentido. O som engrossa o caldo sensorial de nossas vidas e dependemos dele como auxílio para interpretar, comunicar e expressar o mundo em torno de nós. O espaço sideral é silencioso, mas na Terra, quase tudo produz algum ruído. Os sons cativam tanto a gente que gostamos de ouvir palavras rimadas. A música, o perfume da audição, surgiu provavelmente como um ato religioso, com a finalidade de despertar grupos de pessoas. A música pode agitar ou acalmar, transportando nossas emoções. Escutamos com nossos corpos. É difícil ficarmos parados quando ouvimos música. A música produz estados emocionais específicos compartilhados por todas as pessoas e, como resultado, permite que



comuniquem as nossas emoções mais íntimas sem que tenhamos que mencioná-las ou defini-las por meio de uma rede de palavras.

Para Beethoven, a surdez não foi entrave na composição de obras-primas. “Vendo Vozes” de Oliver Sacks (Cia das Letras), o autor conta a história dos surdos e questiona qual a melhor maneira de serem integrados à sociedade. Ariovaldo Franco descreve em sua obra “De Caçador à Gourmet” (Senac) os rituais e costumes que se formaram em torno da alimentação em diferentes civilizações. Já Jean Anthelme Brillat-Savarin aborda em “A Filosofia do Gosto” (Cia das Letras) as origens da gastronomia e do funcionamento do gosto. Para conhecer mais a fundo cada sentido uma obra primordial é “Uma História Natural dos Sentidos”, de Diane Ackerman (Betrand Brasil).

15. Rir é o melhor remédio

Quem ri mais tem algo para comemorar?

Postado por Juremir Machado CPOVO em 10 de fevereiro de 2015

<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/>

Tem dado sobre tudo. Até sobre o riso. Quem ri mais? Uma pesquisa afirma que os franceses riem 4,6 vezes por dia em média. Os cariocas andam rindo de graça. Por causa da bunda da atriz Paolla Oliveira. Só se fala nisso. Carioca ri de qualquer coisa. Tem cara andando de praia em praia para encontrar bumbuns mais engraçados. O riso depende da idade. Um francês de menos de 25 anos ri em torno de sete vezes por dia. Já 21% dos franceses na chamada

melhor idade, ou terceira idade, riem menos de uma vez por dia. Segundo o viajante Jean de Léry, que esteve no Brasil no século XVI, os índios só faziam rir. Hoje, parecem velhos franceses. Não acham graça de coisa alguma. Também pudera. Eles já sabem que foram saqueados e que não tem volta.

Os dados são de precisão impressionante. Em 1939, os franceses riem 20 minutos por dia. Os nazistas acabaram com a festa. Em 1980, os franceses já riem apenas seis minutos por dia. Hoje, um terço dos franceses ri menos de um minuto por dia. Não é triste? Sérias medidas estão sendo tomadas. O riso é coisa grave. Terapias do riso ganham força. Empresas já pensam em premiar quem ri mais de dez vezes por dia no trabalho sem diminuir a produtividade. O riso profissionalizou-se. Antes, as pessoas riem do que elas mesmas faziam ou contavam. Agora, a maioria ri do que é oferecido por profissionais do riso, os humoristas. O riso é uma das mercadorias mais valorizadas da nossa época. O riso vale muito na bolsa dos valores imateriais da humanidade.

A gargalhada está em extinção. Vai desaparecer antes da ararinha azul e dos armadores de cabeça erguida. Um processo de adestramento vem eliminando a gargalhada dos espaços públicos. Europeus raramente soltam uma gargalhada num restaurante. Há quem considere a gargalhada tão grosseira quanto soltar pum. Pessoas elegantes apostam em “felicidade sóbria”, “satisfação frugal” e “slow life”. A gargalhada é vista como uma aceleração descabida. Alguns desses dados podem ser encontrados em “Da leveza”, livro de Gilles Lipovetsky sobre a verdadeira luta de classes do século XXI, o combate mortal entre leves e pesados, leveza e profundidade, lúdico e chatice. Eis o paradoxo: ri-se menos na era da leveza. Paga-se para rir. Rir tem preço. O preço da leveza.

Ri melhor quem ri mais. O Brasil pode explorar a indústria do riso. Europeus, no futuro próximo, pagarão qualquer coisa para rir até chorar. O riso aparentemente espontâneo voltará a ser valorizado, em oposição ao riso industrializado. Rir faz bem à saúde. Rir é o melhor remédio. Foi encontrado um europeu que só ri de economistas. O economista A defende o desenvolvimentismo e o fim da austeridade. O economista B defende o Estado mínimo e controle fiscal rigoroso. O político A segue o economista A. Dá errado. O político B segue o economista B. Dá errado. Ambos garantem que fazem ciência. O grego ria para não chorar. Cansou.

Quer soluções mais sérias.

As sociedades vão se dividir em sociedades que riem muito, pouco ou nada. O riso é o capital do século XXI. Não achou graça?

Procure um terapeuta. Seu caso é grave.

15. O ENCONTRO E O LAÇO AMOROSO

ANTONIO QUINET

"O encontro entre dois seres sexuais que falam é da ordem do "acaso", não se programa, ele acontece. É o que Aristóteles chama de a causa accidental, a tyché que pode ser eutiquia um bom encontro ou distiquia um mau encontro.

Se é um mau encontro seguramente não haverá laço e se for um bom encontro nada garante que o fará. O bom encontro promete muito, ele promete o laço mais nem sempre cumpre. As falas de amor durante o encontro sexual, as promessas são vãs.

No dia seguinte o telefonema não vem. O laço do encontro se rompeu e a saudade ficou. A recordação do gozo do encontro exige repetição e pede mais e mais.

Mas a repetição não é laço, é a repetição do um do gozo, a repetição do Um sozinho que comemora a irrupção do gozo. Um S1 que se repete.

O encontro é da ordem do Um do gozo e é sempre exigência de repetição desse gozo... que não deve ser confundido com o amor. Mas é claro que esse gozo do Um pode ser o catalizador do laço do Dois do amor. E virar o encontro para a vida toda. Mas não é a regra.

Aliás não há regra nenhuma no amor ou no sexo. É tudo desregrado. Pois a exigência da repetição do Um do gozo não está predestinado ao laço do Dois do amor.

Não há discurso estabelecido e estável do laço amoroso.

O amor é louco – está fora do discurso como laço social dentre os que estruturam nossa civilização. O amor é incivilizável, ele prega a desobediência civil. Não há discurso totalizante sobre o amor. Temos apenas fragmentos de um discurso amoroso, como escreveu Roland Barthes. "

PINTURA DE ALEXANDRE JANSON



Anna Maria Monteiro

16. O LAÇO E O ABRAÇO

(Mário Quintana)

Meu Deus! Como é engraçado!

Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço... uma fita dando voltas. Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira, circula e pronto: está dado o laço. É assim que é o abraço: coração com coração, tudo isso cercado de braço. É assim que é o laço: um abraço no presente, no cabelo, no vestido, em qualquer coisa onde o faço.

E quando puxo uma ponta, o que é que acontece? Vai escorregando... devagarzinho, desmancha, desfaz o abraço.

Solta o presente, o cabelo, fica solto no vestido.

E, na fita, que curioso, não faltou nem um pedaço.

Ah! Então, é assim o amor, a amizade.

Tudo que é sentimento. Como um pedaço de fita. Enrosca, segura um pouquinho, mas pode se desfazer a qualquer hora, deixando livre as duas bandas do laço. Por isso é que se diz: laço afetivo, laço de amizade.

E quando alguém briga, então se diz: romperam-se os laços. E saem as duas partes, igual meus pedaços de fita, sem perder nenhum pedaço. Então o amor e a amizade são isso...

Não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam.

Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço!



A diferença entre ser fã e ser adepto

Written by Paulo Ghiraldelli, 17/07/2016 – Facebook. –

<http://ghiraldelli.pro.br/.../diferenca-entre-ser-fa-e-ser-ad...>

Ter um ídolo e ser um fã parece ser algo pouco perigoso. Ter um salvador ou um vingador, ser comandado e um adepto dele, isso sim me parece uma fonte de perigo.

Se as pessoas gritam diante de um Mick Jagger ou reverenciam alguém como Umberto Eco, isso não me causa preocupação. Mas se as pessoas fazem algo parecido diante de um Lula ou um Bolsonaro, tudo muda. O fã pede um trabalho a mais ou homenageia um trabalho feito. O adepto quer alguém que o pegue pela mão e o ponha para fora de seu fracasso. Isso me causa profunda preocupação.

Aplaudimos nossos ídolos por um sentimento de generosidade. Reconhecemos neles a capacidade de serem designers de tendência e, assim, abrirem o campo da liberdade para nós, criando mais caminhos para trilharmos. Criam a moda, que nada é senão os caminhos abertos por um ídolo, para que outros possam experimentar, experienciar e quiça criar outros. Quando ouço aplausos do adepto para com o seu chefe, seu guia e vingador, sei que não é nada disso. O aplauso é, nesse caso, cheque em branco

e pedido de desespero, significa isso: “degole os que tiveram êxito, os felizes, os que podem pensar, e se fizer isso até pode me deixar aqui na desgraça”. Os que aplaudem chefes trocam o prato de comida dado pela vingança.

Tudo que um fã quer é material para pensar. Ele quer mais livros, mais músicas, mais produtos vindos do ídolo. Ao contrário, o adepto nada quer de produtivo, ele quer que os produtos desapareçam, que o chefe ou vingador extermine, destrua e queime. Às vezes ele quer apenas que o chefe dê ordens, de modo que ele possa ter um pouco de prazer de mandar por meio do chefe. Ver os que pensam sendo mandados e, portanto, não poderem criar, é tudo o que faz o adepto acreditar que até pode ter orgasmo.

Gostar de Machado de Assis é uma benção. Pedir para que um Hitler intervenha na obra de Machado, extirpando-a, é uma desgraça pessoal. Isso é que marca bem a diferença entre o fã e o adepto.

É por isso que quando ouço alguém dizer-se adepto de uma filosofia, e não um fã, sei que esse alguém não encontrou nenhuma filosofia, apenas ideologia. Não é alguém capaz de pensar e, por isso, não está com nenhuma filosofia. A filosofia pode ter fãs, não adeptos. Não à toa Marx disse que não era marxista e tantos outros filósofos renegaram os “ismos” associados a seus nomes. Os bons filósofos, todos eles, se preocuparam com isso. Alguns até quiseram anular o seu “ismo” e, não conseguindo, o enfiaram na casaca de outro “ismo”. Trazer adeptos é alguma coisa que só os chefes, chefetes e autoritários do mundo querem. São saciadores de desejos alheios. São prisioneiros fáceis dos desejos dos seus adeptos. O ídolo é, ao contrário, livre de seus fãs, às vezes ele se dedica a inverter seu estilo, sua obra, só para poder contrariar o fã, tirá-lo da modorra, evitar que ele o confunda e se transforme num seguidor do que não pode ser seguido.

Sempre que vemos um adepto estão em geral diante do ressentimento em grau máximo, e de uma capacidade de achar que estão pensando quando, na verdade, apenas segue o não-pensamento. O adepto é adepto de partidos. São medíocres por razões biológicas. Adoram falar e pregar, odeiam refletir e se colocarem à prova. Podem nem saber quem são os tais “militares”, mas, sendo homens fantasiados de azeitonas, logo dizem: “que venham e nos salvem”. Assim gemem os adeptos em todo o mundo.

Paulo Ghiraldelli, 58, filósofo, 17/07/2016